

Universidade do Minho
Escola de Economia e Gestão

Teresa Rita Cardoso Costa

**Motivações para a Prática de Voluntariado:
Caso dos Estudantes do Ensino Secundário
e do Ensino Superior**



Universidade do Minho
Escola de Economia e Gestão

Teresa Rita Cardoso Costa

**Motivações para a Prática de Voluntariado:
Caso dos Estudantes do Ensino Secundário
e do Ensino Superior**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Economia Social

Trabalho efetuado sob a orientação do
**Professor Doutor Carlos Alberto Arriaga Taboleiros
da Costa**

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

A realização desta dissertação, representa a conclusão de uma importante etapa a nível académico e pessoal. Por isso, não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a mesma.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador o Professor Doutor Carlos Arriaga, por toda a disponibilidade, ajuda e apoio, sem o qual não seria possível a concretização desta dissertação.

Agradeço, também, a todas as escolas do Ensino Secundário que aceitaram colaborar com a presente investigação, aos professores pela disponibilidade prestada nas suas aulas para a aplicação do questionário e aos alunos por terem respondido. De igual modo, agradeço aos alunos do Ensino Superior, que participaram no inquérito. A todos o meu obrigada, pois, a vossa colaboração, permitiu-me prosseguir com esta investigação.

Às minhas amigas, por todo o apoio incondicional ao longo desta caminhada. Muito grata por tudo!

Por fim, à minha família pelo apoio que me deram na conclusão desta etapa.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Motivações para a Prática de Voluntariado: Caso dos Estudantes do Ensino Secundário e do Ensino Superior

Resumo

O voluntariado é uma atividade que remonta já às primeiras civilizações antigas, tendo ao longo do tempo, assumido um papel cada vez mais importante, uma vez que, este contribui fortemente para a coesão económica e social de qualquer comunidade.

A prática de voluntariado, gera benefícios tanto para quem o recebe como para o voluntário, sendo a obtenção desses benefícios, de acordo com as motivações dos indivíduos, importante para que a experiência de voluntariado seja satisfatória e estes continuem a praticá-lo.

A investigação científica sobre as motivações do voluntariado, tem mostrado que as razões que levam os indivíduos a voluntariar-se são variadas, mas na sua gênese, estas podem ser de carácter puramente altruísta, isto é, simples preocupação com o bem-estar dos outros, ou então de carácter mais egoísta, ou seja, com vista à obtenção de benefícios próprios.

Atendendo a este contexto, o presente estudo procurou investigar as motivações dos estudantes do Ensino Secundário e do Ensino Superior, para o voluntariado, a fim de perceber se existem ou não diferenças motivacionais, nas razões de iniciação ao voluntariado.

Numa amostra recolhida de 220 alunos do Ensino Secundário e do Ensino Superior, 65 fazem atualmente voluntariado e 154 alunos abandonaram esta prática, especialmente pela falta de tempo. No início ao voluntariado, verificou-se nestes alunos, simultaneamente, motivos altruístas e motivos egoístas.

Com esta investigação, concluiu-se que, efetivamente, existem diferenças nas motivações entre os alunos do Ensino Secundário e os alunos do Ensino Superior, para iniciar a prática de voluntariado. Os resultados demonstraram que uma das diferenças existentes, prende-se com o facto de os alunos do Ensino Superior, darem maior importância em ajudar os outros e terem uma maior preocupação com o grupo a que prestam apoio no voluntariado, do que os alunos do Ensino Secundário.

Palavras Chave: benefícios, motivações, voluntariado

Motivations for Volunteering Practice: Case of Secondary and Higher Education Students

Abstract

Volunteering is an activity that goes back to the earliest ancient civilizations, and over time has assumed an increasingly important role as it contributes greatly to the economic and social cohesion of any community.

The practice of volunteering generates benefits for both the recipient and the volunteer, and obtaining these benefits, according to the motivations of individuals, is important for the volunteering experience to be satisfactory and they continue to practice it.

Scientific research on the motivations of volunteering has shown that the reasons why individuals volunteer are varied, but in their genesis they may be purely altruistic, that is, simple concern for the welfare of others, or of a more selfish character, that is, in order to obtain its own benefits.

Given this context, the present study sought to investigate the motivations of secondary and higher education students for volunteering, in order to understand whether or not there are motivational differences in the reasons for starting volunteering.

In a sample of 220 secondary and tertiary students, 65 are currently volunteering and 154 students have abandoned this practice, especially due to lack of time. At the beginning of volunteering, there were both altruistic and selfish motives in these students.

With this research, it was concluded that, in fact, there are differences in motivations between secondary and higher education students to start volunteering. The results showed that one of the differences is that higher education students place more importance on helping others and are more concerned with the group they support in volunteering than higher education students Secondary.

Keywords: benefits, motivations, volunteering

Índice Geral

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros	ii
Agradecimentos	iii
Declaração de Integridade	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Índice Geral.....	vii
Índice de Gráficos.....	x
Índice de Tabelas	x
I. Introdução.....	1
II. Revisão de Literatura	2
2.1. Conceito de Voluntariado.....	2
2.2. História do Voluntariado em Portugal	3
2.2.1. Voluntariado no Período Pré-Industrial.....	3
2.2.2. Voluntariado na Era Industrial	4
2.2.3. O Voluntariado no Período Pós-Industrial e o Estado Providência	5
2.2.4. Voluntariado Atualmente.....	6
2.3. Tipos de Voluntariado	7
2.4. Áreas de Atividade do Voluntariado	9
2.5. Caracterização do Voluntário	10
2.6. O Voluntariado em Portugal	10
2.7. Principais Promotores do Voluntariado.....	11
2.7.1. Estado.....	11
2.7.2. Igreja.....	11
2.7.3. Terceiro Setor.....	12
2.7.4. Empresas.....	13
2.8. Importância do Voluntariado e os seus Benefícios	13
2.8.1. Voluntariado e Envelhecimento Ativo	14
2.8.2. Voluntariado Jovem e Cidadania	15
2.8.3. Voluntariado, Emprego e Exclusão Social	16
2.9. Motivações para a Prática do Voluntariado	18

2.9.1. Motivações dos Estudantes.....	23
III. Estudo Empírico – Metodologia e Descrição da Amostra.....	27
3.1. Questão da Investigação.....	27
3.2. Hipóteses.....	28
3.3. Método.....	28
3.4. Amostra.....	29
3.5. Variáveis.....	32
IV. Análise Qualitativa – Exploratória.....	33
4.1. Conteúdo da Entrevista.....	33
4.1.1. Dados demográficos.....	33
4.1.2. Caracterização da voluntária.....	33
4.1.3. Motivações para o voluntariado.....	34
4.1.4. Processo de recrutamento/seleção dos voluntários.....	35
4.1.5. Áreas de voluntariado e tarefas a realizar.....	36
4.1.6. Formação para o voluntariado.....	37
4.1.7. Impacto da experiência de voluntariado.....	39
V. Análise Quantitativa – Resultados da Investigação.....	41
5.1. Descrição Geral dos Dados.....	41
5.1.1. Início do voluntariado.....	41
5.1.2. Graus de ensino em que os alunos fizeram voluntariado.....	42
5.1.3. Frequência e horas dedicadas ao Voluntariado.....	42
5.1.4. Nível da prática do voluntariado.....	44
5.1.5. Áreas em que o voluntariado foi realizado.....	44
5.1.6. Realização de tarefas durante o voluntariado.....	46
5.1.7. Formação para o voluntariado.....	48
5.1.8. Motivações para a prática de voluntariado.....	48
5.1.9. Razões para o abandono do voluntariado.....	50
5.1.10. Benefícios do voluntariado.....	52
5.2. Análise dos Resultados.....	54
5.2.1. Diferenças de perceção entre os que praticam voluntariado e os que já não praticam.....	55
5.2.2. Diferenças de perceção entre o sexo feminino e o sexo masculino.....	57

5.2.3. Diferenças de percepção entre os alunos do Ensino Secundário e os alunos do Ensino Superior.....	60
VI. Conclusão	64
Referências Bibliográficas	68
Apêndice I.....	73
Apêndice II.....	82
Apêndice III.....	84

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Grau de Ensino	29
Gráfico 2 – Prática atual de voluntariado	29
Gráfico 3 – Sexo	30
Gráfico 4 – Idade	30
Gráfico 5 – Situação Profissional	31
Gráfico 6 – Ocupação dos tempos livres	31
Gráfico 7 – Grau de ensino em que os alunos iniciaram o voluntariado	41
Gráfico 8 – Áreas do voluntariado	45
Gráfico 9 – Escolha das tarefas a realizar durante o voluntariado	46
Gráfico 10 – Satisfação das tarefas realizadas no voluntariado	46
Gráfico 11 – Nível de segurança durante a realização das tarefas	47
Gráfico 12 – Suficiência do apoio prestado pelos responsáveis do Projeto/Instituição	47
Gráfico 13 – Formação para o voluntariado	48

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Graus de ensino em que os alunos fizeram voluntariado	42
Tabela 2 – Frequência da prática de voluntariado	43
Tabela 3 – Horas dedicadas ao voluntariado	43
Tabela 4 – Nível da prática de voluntariado	44
Tabela 5 – Razões para o abandono do voluntariado	51
Tabela 6 – Diferenças estatisticamente significativas com grau de confiança de 95% entre os que iniciaram práticas de voluntariado e os que não as praticam	56
Tabela 7 – Diferenças estatisticamente significativas com grau de confiança de 95% entre entre o sexo masculino e o sexo feminino	59
Tabela 8 – Diferenças estatisticamente significativas com grau de confiança de 95% entre os alunos do Ensino Secundário e os alunos do Ensino Superior	62

I. Introdução

A presente investigação tem como tema as Motivações dos Estudantes do Secundário e do Ensino Superior para a Prática do Voluntariado. Neste estudo, optamos por conhecer as razões das práticas de voluntariado entre os estudantes, respetivamente entender o que sentem os estudantes em termos de realização pessoal ao realizarem essas tarefas.

Pondo a hipótese de as motivações dos estudantes do Ensino Secundário poderem ser diferentes das motivações dos alunos do Ensino Superior, tendo em consideração o nível etário ser diferente, gostaria de confirmar tal hipótese e caso se confirme quais as motivações que estão por base dessa diferença.

O voluntariado é uma atividade de especial relevância, na qual o indivíduo doa o seu tempo em prol do benefício da comunidade, sem receber qualquer tipo de compensação monetária. No caso de Portugal, este é um dos países da União Europeia com menos voluntários, estando a taxa de voluntariado jovem bastante aquém do que seria desejado. Deste modo, importa conhecer as motivações dos estudantes para o trabalho voluntário, a fim de, melhorar as estratégias de captação e retenção dos jovens estudantes nas organizações promotoras do voluntariado. Por outro lado, na eventualidade de as motivações dos estudantes do Ensino Secundário serem diferentes das do Ensino Superior, o tipo de estratégia a adotar para consciencializar e motivar os alunos para o voluntariado, poderá diferir consoante o grau de ensino.

O desenvolvimento desta investigação, assenta em cinco partes fundamentais. Na segunda parte será feita uma revisão de literatura, que irá compreender, de um modo geral: a clarificação do conceito de voluntariado, breve história do voluntariado, os tipos de voluntariado, as áreas, benefícios e as motivações que estão na origem da prática do voluntariado. A terceira parte corresponde à metodologia do trabalho empírico realizado nesta investigação, onde serão: apresentadas as questões de partida da investigação, bem como, justificada a sua pertinência; indicados o método a utilizar, as técnicas de recolha de informação e a caracterização da amostra do estudo. De seguida, a quarta parte diz respeito à análise qualitativa, na qual será feita a análise da entrevista realizada. Posteriormente, a quinta parte refere-se à análise quantitativa, que contempla a descrição dos dados gerais obtidos, por meio do questionário e a análise e interpretação dos resultados. Por último, apontam-se as considerações finais, as limitações do estudo, bem como, sugestões para futuras linhas de investigação.

II. Revisão de Literatura

A presente secção pretende explicar o conceito de voluntariado, bem como, compreender como ele surgiu e evoluiu ao longo dos tempos. Seguidamente, serão distinguidos os tipos de voluntariado e identificadas as várias áreas onde este é efetuado. Posteriormente, será dado a conhecer as características dos voluntários portugueses, bem como, contextualizada a realidade do voluntariado no nosso país e os principais intervenientes na promoção do voluntariado. Por fim, serão enunciados os principais benefícios subjacentes ao voluntariado, assim como, as principais motivações dos indivíduos e, mais pormenorizadamente, dos estudantes para exercerem esta atividade.

2.1. Conceito de Voluntariado

A origem da palavra voluntário vem do Latim da palavra “voluntarius” (de própria vontade), que por sua vez deriva da palavra “voluntas” (vontade, desejo) e de “velle” (querer). Assim, é possível afirmar que o fator que diferencia o voluntariado de qualquer outra prática é a pessoa realmente querer, desejar, ou ter vontade própria de a desenvolver (Coimbra, 2011).

De uma forma geral é, então, possível definir o voluntariado como uma atividade de oferta voluntária de tempo e aptidões, para a realização de determinado serviço ou ação, não remunerados em benefício da comunidade. O voluntariado, contribui desta forma para uma sociedade mais justa e solidária. Obedece, ainda, aos princípios da solidariedade, da participação, da cooperação, da complementaridade, da gratuidade, da responsabilidade e da convergência (Voluntiir – Cooperativa de Solidariedade Social)¹.

Cuskelly, Taylor, Hoye e Darcy (2006), definem o voluntariado como a atividade, desenvolvida no âmbito organizacional, levada a cabo por um indivíduo de livre e espontânea vontade, e pela qual, não recebe qualquer compensação monetária. Os autores acrescentam ainda que, o voluntariado reproduz benefícios tanto para o voluntário, como para quem o recebe, pois, enquanto os voluntários contribuem para o bem-estar do outro, promovem o seu desenvolvimento pessoal, a sua autoconfiança e ganham um bom status na sociedade.

¹ A Voluntiir é uma Cooperativa de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, responsável pela promoção do voluntariado a nível nacional e internacional.

De acordo com a Lei nº 71/98 de 3 de Novembro, Artigo 2º, nº 1 e 2, o voluntariado é o conjunto de ações de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas. Não são abrangidas pela presente lei as atuações que, embora desinteressadas, tenham um caráter isolado e esporádico ou sejam determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança (Lei nº/1/98 – Diário da República).

2.2. História do Voluntariado em Portugal

Quando falamos em voluntariado, surge-nos o interesse em conhecer como ele historicamente surgiu e evoluiu.

De acordo com Pinheiro (2012), o trabalho voluntário é tão antigo quanto as primeiras civilizações, tendo surgido quando as tribos coletivistas e igualitárias se expandiram e deram origem a sociedades desiguais e complexas.

Nas primeiras civilizações, já se desenvolviam ações sociais para amparar indivíduos carentes ou incapacitados. O código moral egípcio, foi um dos primeiros a preocupar-se com questões de justiça social. As suas leis, influenciadas pela religião, encorajavam as pessoas a pequenas ações voluntárias. Na Grécia, os viajantes eram acolhidos nas casas dos ricos, recebendo abrigo e comida. No caso da Roma pré-cristã, o imperador tinha como missão dar resposta às necessidades dos súditos e mantê-los felizes. Já os cidadãos bem-nascidos, membros da aristocracia, deveriam prestar ajuda aos mais desfavorecidos (Pinheiro, 2012).

No caso de Portugal, a história do voluntariado é marcada pela presença da Igreja Católica, isto é, o trabalho voluntário foi incentivado por razões sociais, mas também por razões religiosas.

A análise histórica do voluntariado, para Amaro (2002, citado por Serapioni, Ferreira & Lima, 2013), assenta em quatro principais períodos: no Pré-Industrial, na Era Industrial, no Estado de Providência e no Pós-Industrial.

2.2.1. Voluntariado no Período Pré-Industrial

No período pré-industrial, a principal característica do voluntariado é o facto de não ter de conviver com o trabalho remunerado. Por outro lado, o trabalho voluntário enquanto conceito e

categoria com reconhecimento, era praticamente inexistente nesta altura (Amaro, 2002, citado por Serapioni et al., 2013).

Serapioni et al. (2013), referem que o surgimento do voluntariado em Portugal, está ligado às formas de assistência primordialmente familiares e de iniciativa particular, influenciadas por valores e princípios cristãos. Além disso, desde muito cedo que em Portugal, a Igreja Católica desempenhou funções de carácter assistencial voluntário.

Em Portugal, o voluntariado surge com a implementação de Misericórdias, sendo caracterizado por uma base essencialmente assistencialista. Até à criação das Misericórdias, as necessidades dos portugueses eram satisfeitas por instituições como Albergarias, Hospitais, e outras iniciativas de carácter religioso, militar ou corporativo. Dado que não existia um Sistema de Segurança Social, havia incentivos de modo a encorajar as pessoas a ajudar os mais pobres e carenciados (Serapioni et al., 2013). Contudo, o surgimento, no século XV, por ordem da Rainha D. Leonor, das Santas Casas da Misericórdia, orientadas pelas ordens religiosas, contribuiu para criação de um primeiro delineamento de um Sistema de Proteção Social. É, também, com a criação das Misericórdias que o voluntariado sofre uma grande expansão (Fonseca, 1995, citado por Serapioni et al., 2013).

2.2.2. Voluntariado na Era Industrial

No período da Era Industrial, o voluntariado ganhou um estatuto de gratuidade devido ao surgimento da necessidade de ajuda e de solidariedade organizadas. Contudo, o voluntariado era desvalorizado em comparação com o mercado de trabalho (Amaro 2002, citado por Serapioni et al., 2013).

No século XIX, a Revolução Industrial foi um marco muito importante no desenvolvimento do voluntariado em Portugal. Nesta época, verificou-se a institucionalização e profissionalização dos serviços sociais, assistindo-se ao fim da Economia Social baseada na caridade cristã. Por outro lado, verificou-se o surgimento de Associações de Socorro Mútuo (Associações de Bombeiros Voluntários, Cooperativas, Mutualidades Agrícolas, Sindicatos), para dar resposta a alguns riscos sociais a que os trabalhadores estavam expostos (Serapioni et al., 2013).

Nesta altura, segundo Amaro (2002, citado por Serapioni et al., 2013), as relações de trabalho, assentavam numa lógica de mercado, em que os fatores principais eram a compra e

venda de força de trabalho. Assistiu-se, ainda, à profissionalização das relações sociais, através da especialização das competências e da divisão técnica do trabalho. Na perspectiva dos autores, estas características da organização do trabalho, que assentavam no princípio da profissionalização, provocaram a desvalorização do voluntariado.

Catarino (2004, citado por Serapioni et al., 2013), refere que com a Revolução Industrial surgiu em Portugal um novo tipo de voluntariado de origem associativa e sindical. Porém, com o Estado Novo, verificou-se uma perda da importância do voluntariado, bem como, a uma profissionalização do trabalho social, uma vez que, para a resolução dos problemas sociais o Estado passa a ser o principal responsável. Além disso, surge neste período a criação de um Sistema de Segurança Social e o aumento do trabalho social remunerado. Deste modo, o Estado Novo marcou a interrupção do desenvolvimento do voluntariado em Portugal.

2.2.3. O Voluntariado no Período Pós-Industrial e o Estado Providência

Com o aparecimento do Estado Providência, para Amaro (2002, citado por Serapioni et al., 2013), o voluntariado foi considerado desajustado e extremamente insuficiente para dar resposta às novas necessidades sociais.

O voluntariado passou a ser uma forma de atuação complementar à intervenção do Estado, com uma ação menos relevante, tendo sido remetido para a esfera das relações familiares, de vizinhança e comunitárias da sociedade civil (Serapioni et al., 2013).

Catarino (2004, citado por Serapioni et al., 2013), refere que após o 25 de Abril de 1974, verificou-se uma renovação no conceito de voluntariado, em que se adotou a solidariedade como a sua principal base. Por outro lado, o voluntariado passou a ser visto como uma forma de exercício de cidadania, caracterizando-se por uma relação solidária e livre, na qual foi deixada de parte a ideologia assistencialista, até então, característica do voluntariado. Além disso, associado à prática de voluntariado, surgem alguns princípios tais como: promoção da participação; contribuição para o desenvolvimento humano e transformação da realidade social.

Importa ainda referir que, no período pós-revolucionário surgiram as primeiras Organizações Não Governamentais (ONG), para o desenvolvimento e à medida que o tempo passou, o Estado reconheceu a importância da sua relação com a sociedade civil (Catarino, 2004, citado por Serapioni et al., 2013).

De acordo com Serapioni et al. (2013), no período Pós-Industrial, o voluntariado sofreu uma grande transformação, motivada pelo elevado crescimento e reconhecimento. As crescentes desigualdades sociais nas sociedades contemporâneas, levaram ao aumento das necessidades de apoio social à escala local, nacional e mundial. Assim, o voluntariado nesta altura, segundo Amaro (2002, citado por Serapioni et al., 2013), passou a ser encarado como um fenómeno socialmente necessário, tendo a sua razão de ser não apenas nas motivações, sacrifícios e disponibilidade exclusivamente individuais, como sucedia nos restantes períodos, mas também uma necessidade social que faz dele um fenómeno estrutural, uma das forças sociais das sociedades atuais.

Desde a implantação e consolidação do Estado Providência, que o voluntariado passou a ser visto como uma estratégia de luta contra a pobreza, exclusão, desemprego e ainda de promoção da cidadania e do envelhecimento ativo (Serapioni et al., 2013).

2.2.4. Voluntariado Atualmente

Segundo Gomes (2009, citado por Serapioni et al., 2013), na sociedade atual os Governos, bem como, a própria sociedade, atribuem cada vez mais importância ao voluntariado. Esta prática, é vista como uma forma complementar do trabalho profissional e da atuação das instituições, um recurso valioso para a vida social e um espaço próprio de exercício de cidadania.

Estudos revelam que existam mais de 140 milhões de voluntários a nível mundial e mais de 100 milhões de pessoas na Europa envolvidas em atividades de voluntariado e ações solidárias.

O voluntariado assume, atualmente, um papel fundamental na medida em que permite: reforçar a coesão social e económica; atenuar as tensões sociais e económicas que surgem em momentos de crise; gerar capital social; promover a cidadania ativa, a solidariedade e uma forma de cultura que põe as pessoas em primeiro lugar (Serapioni et al., 2013). Ainda segundo estes autores, os voluntários assumem um papel importante enquanto transmissores de valores que fortalecem a construção da Europa, como por exemplo a solidariedade, democracia, liberdade e igualdade. Além disso, os voluntários dão um forte contributo para o diálogo intergeracional e intercultural, para o bem-estar e o envolvimento ativo dos cidadãos, bem como, para a promoção da União Europeia no mundo.

Dada a importância do Voluntariado, o ano 2001 foi escolhido como o Ano Internacional do Voluntariado e o ano de 2011 foi proclamado como o Ano Europeu das Atividades Voluntárias

que Promovam uma Cidadania Ativa. Em Portugal, o reconhecimento crescente do importante papel do voluntariado na sociedade, tem levado ao aumento do número de instituições, um pouco por todo o país, que investem na valorização e qualificação dos voluntários, de forma integrada e continuada (Serapioni et al., 2013).

2.3. Tipos de Voluntariado

A prática de voluntariado, segundo Ferreira, Proença & Proença (2008), envolve dois principais tipos de voluntariado: voluntariado formal e voluntariado informal. O voluntariado formal compreende atividades que são realizadas normalmente tendo ligação a uma determinada organização sem fins lucrativos, em áreas como o desporto e recreação ou prestação de serviços sociais. Por outro lado, o voluntariado informal é o mais frequente, sendo realizado numa base interpessoal no contexto de relações de vizinhança e da dádiva e inclui comportamentos como ajudar os vizinhos (Ferreira et al., 2008).

A legislação portuguesa contempla apenas o voluntariado formal desenvolvido no âmbito de organizações. Este subdivide-se em dois tipos: voluntariado dirigente e não dirigente. De acordo com Ferreira, et al. (2008), no voluntariado dirigente os voluntários integram os órgãos de gestão e manutenção da própria instituição, estabelecendo não só o número de voluntários necessários, bem como as áreas onde é necessária a sua intervenção. Importa referir que, este engloba um reduzido número de participantes. Por outro lado, o voluntariado não dirigente consiste na ação direta, que o voluntário exerce sobre determinado grupo, traduzindo-se, desta forma, num contacto mais próximo ou direto com o público-alvo da organização beneficiária. Ao contrário do voluntariado dirigente, o voluntariado não dirigente conta com um elevado número de participantes (Ferreira, et al., 2008).

Relativamente à regularidade da prática do voluntariado este pode ser, então, praticado de forma regular ou ocasional (Ferreira, et al., 2008). Segundo Rotolo (2003, citado por Serapioni et al., 2013), no que diz respeito ao voluntariado regular, são voluntários regulares aqueles que desempenham atividades de voluntariado pelo menos uma vez por mês durante um período de pelo menos um ano. Em relação ao voluntariado ocasional, os voluntários ocasionais desenvolvem atividades de regularidade inferior a um mês durante um ano.

Rotolo (2003, citado por Serapioni et al., 2013), no caso do voluntariado ocasional, dá como exemplo o envolvimento dos voluntários em campanhas únicas como recolha de fundos,

organizadas uma ou várias vezes por ano. Por outro lado, o autor refere que, as atividades desenvolvidas no voluntariado ocasional, são pouco formalizadas e o acordo é sobretudo de natureza oral. Por seu turno, no voluntariado regular, o voluntariado é praticado em atividades de apoio de longo prazo repetida e regularmente, como por exemplo, 3 horas/semana. Por sua vez, no voluntariado regular, contrariamente ao voluntariado ocasional, geralmente existe um acordo formalizado entre a organização e o voluntário, onde constam os compromissos, direitos e responsabilidades das partes, existindo também algum investimento da organização na preparação e formação inicial do voluntário. O autor acrescenta, ainda, uma terceira forma de compromisso, de carácter regular, na qual o voluntário desenvolve atividades a tempo inteiro, ao longo de meses ou anos. Este tipo de voluntariado, está associado ao voluntariado internacional, que implica para a organização a preparação do voluntário e a responsabilidade pelos custos de viagem, alojamento, saúde, etc.

Ferreira, et al. (2008), refere que é a classe etária mais jovem da população, nomeadamente estudantes, quem mais pratica voluntariado de forma esporádica ou ocasional, uma vez que, vêm no trabalho voluntário um meio de ocupação para o tempo-livre de que dispõem, especialmente nos períodos de férias e pausas entre os momentos avaliativos, por exemplo. Em contrapartida, no voluntariado praticado de forma regular encontramos faixas etárias mais elevadas.

McCurley & Lynch (1998, citados por Silva, 2012), acrescentam que no voluntariado a longo prazo, ou seja, praticado de forma regular, os voluntários chegam à organização porque se identificam com a causa ou porque têm algum tipo de relação com os voluntários existentes. Enquanto estão na organização, dedicam-se ao trabalho, envolvem-se emocionalmente, sentem-se parte da organização e reconhecem os benefícios da experiência vivida. De acordo com os autores, para que estes voluntários permaneçam motivados e comprometidos com a organização, é necessário que esta lhes reconheça o seu valor. No voluntariado de curto prazo, isto é, praticado de forma ocasional, de acordo com os mesmos autores, são os indivíduos que com algum interesse, procuram organizações e oportunidades para fazer voluntariado por diversos motivos (respetivamente na identificação com uma determinada causa, conhecer alguém que esteja envolvido nessa mesma atividade). Para McCurley et al. (1998, citados por Silva, 2012), neste tipo de voluntariado, os indivíduos não vêm o voluntariado como algo relevante nas suas vidas, e querem saber antecipadamente, qual o trabalho que vão desenvolver e a sua duração. Por fim,

importa, ainda, referir que as motivações associadas a este tipo de voluntariado, são o benefício pessoal e os próprios interesses dos voluntários.

É curioso que à semelhança de McCurley et al. (1998, citados por Silva, 2012), os autores Smith, Holmes, Haski-Leventhal, Cnaan, Handy & Brudney (2010), no seu estudo que envolveu estudantes do Ensino Superior de 5 países diferentes, comparando voluntários ocasionais e regulares, descobriram que os estudantes voluntários regulares relataram níveis mais altos de motivações altruístas do que os estudantes voluntários ocasionais. Estes autores, apontam duas explicações para estas descobertas, primeiro que as pessoas verdadeiramente altruístas tendem a voluntariar-se mais do que as outras, ou segundo, as pessoas que se voluntariam podem preferir atribuir traços positivos como o altruísmo.

2.4. Áreas de Atividade do Voluntariado

Catarino (2004, citado por Serapioni et al., 2013), refere que as principais áreas de atividade do voluntariado são: ação social, saúde, educação, ciência, cultura, comportamento cívico, ambiente, defesa do consumidor, formação profissional, reinserção social, proteção civil, desenvolvimento da vida associativa e solidariedade social.

Por repartição de locais de exercício de atividades de voluntariado, cerca de 24% dos voluntários europeus realiza trabalho voluntário num clube desportivo ou numa associação de atividades ao ar livre. Seguem-se as associações culturais ou artísticas (20%), as organizações de beneficência ou de apoio social (16%), as associações comunitárias ou de bairro (13%) e as organizações religiosas (12%). A seguir encontram-se as organizações de proteção do ambiente, dos direitos dos animais, etc. (7%), as associações ou clubes de idosos (7%) e de jovens (7%) e as associações de defesa dos interesses dos doentes e/ou das pessoas portadoras de deficiência (6%). As organizações profissionais, os sindicatos e os partidos políticos são os menos referidos (5% ou menos), (Eurobarómetro, realizado por TNS Opinion & Social, 2011).

Ainda de acordo com o Eurobarómetro (2011), as áreas onde se entende ser mais necessário o trabalho voluntário são a solidariedade e ajuda humanitária (37%), assim como, a saúde (32%) e a educação (22%).

De acordo com Serapioni, Ferreira, Lima & Marques (2011), o voluntariado em Portugal, à semelhança do que acontece nos outros países da Europa do Sul, está concentrado na área dos

serviços sociais (36%) enquanto na área cultural esse valor é bastante reduzido (12%). Para os autores, essa é uma particularidade dos países do sul da Europa, que se opõe à realidade europeia, nomeadamente a dos países onde os níveis de participação na área cultural são mais elevados, como é o caso da Suécia, Holanda, França e Alemanha.

2.5. Caraterização do Voluntário

Com base no estudo realizado em 2010, entre a Associação Entreajuda e a Universidade Católica Portuguesa, em parceria com os Bancos Alimentares, a caraterização dos voluntários é feita em função de: quem são, o que privilegiam, como chegaram à instituição, quais as suas motivações. De um modo geral, com este estudo foi possível verificar que: 39,8% dos voluntários chegam às instituições através de familiares e amigos e 29,7% das paróquias; 78,4% são voluntários regulares colaborando com a instituição pelo menos uma vez por semana; 56,8% das instituições contam com entre 1 a 10 mulheres voluntárias e 56,6% tem entre 1 a 10 homens voluntários; 56,5% dos voluntários têm idade superior a 56 anos (56-65 e mais de 65 anos); 32,9% dos voluntários têm idades compreendidas entre os 26 aos 55 anos; apenas 10,7% com idades entre os 15 e os 25 anos; 41,6% já estão reformados; 10,9% são estudantes; 28,1% têm atividade profissional e 7,3% estão desempregados; 50% dos voluntários são motivados pelo bem-fazer e 33,7% pela realização pessoal (Banco Alimentar & Associação Entreajuda, 2010).

2.6. O Voluntariado em Portugal

Atualmente, os portugueses são dos europeus que menos praticam voluntariado. Segundo o INE, em 2012, eram um milhão, isto é, apenas 12% da população com mais de 15 anos tinha feito voluntariado, pelo menos uma vez. Com base no Inquérito Especial do Eurobarómetro (2011), o INE refere que, as taxas de voluntariado mais elevadas registam-se no norte da Europa, principalmente na Holanda, com 57% da população residente com 15 e mais anos a declarar fazer voluntariado. De acordo com os dados desse inquérito, Portugal surgia em antepenúltimo lugar, muito distante da média da União Europeia (que se situa em 24% da população), e apenas a Bulgária e a Polónia tinham valores mais baixos de voluntariado. De acordo com o INE a posição de Portugal poderá ser explicada, provavelmente, pela cultura de participação em atividades de trabalho voluntário e pelas condições socioeconómicas do país, visto que, parece existir alguma correlação entre o grau de desenvolvimento económico e a taxa de voluntariado dos países.

2.7. Principais Promotores do Voluntariado

Nesta temática, Serapioni et al. (2013), referem que o Estado, a Igreja, o Terceiro Setor e as Empresas têm um papel direto na promoção do voluntariado, como um importante instrumento de solidariedade e desenvolvimento.

2.7.1. Estado

No caso do Estado, este atua de duas formas, primeiro enquanto criador de condições para o voluntariado, os voluntários e as organizações, determinando o seu âmbito de ação em termos legais, assumindo desta forma, um papel importante na infraestrutura do voluntariado. Segundo, o Estado assume o papel de promover o voluntariado, nomeadamente através de políticas públicas e medidas específicas que visem: um enquadramento legal favorável; a remoção de obstáculos; a criação de agências governamentais; definição de estratégias e programas e o financiamento de projetos ou organizações (Serapioni et al., 2013). A criação do Ano Europeu das Atividades Voluntárias que promovam a Cidadania Ativa, foi um exemplo de consciencialização dos Estados Membros, para importância da sua intervenção ao nível do voluntariado. Porém, Serapioni et al. (2013), dão conta de que existem estudos científicos, que demonstram que o Estado apenas está a atuar na regulação jurídica do trabalho voluntário, e não na definição de políticas públicas de promoção do voluntariado.

2.7.2. Igreja

A Igreja, para Serapioni et al. (2013), surge como um ator bastante interventivo no voluntariado, devido ao papel assumido pelas suas organizações e pelo facto de desde sempre, existir uma ligação entre o voluntariado e os valores cristãos. A verdade, é que a própria Doutrina Social da Igreja, defende que o voluntariado é extremamente importante no que respeita ao princípio da subsidiariedade, pois, não deve ser o Estado a ostentar o primado da intervenção social, mas sim a própria sociedade civil. Deste modo, Serapioni et al. (2013), referem que existem estudos, que demonstram que os indivíduos que frequentam a Igreja, têm um maior nível de participação no voluntariado.

Impulsionado pela Igreja, surgiu o voluntariado missionário, no qual os indivíduos em ligação com uma das entidades associadas a esse movimento, trabalham em projetos de cooperação ou evangelização com a Igreja Católica (Carvalho, 2015). Inclusive, existe em Portugal

uma Rede de Voluntariado Missionário, coordenada pela Fundação Fé e Cooperação (FEC), que é um organismo que pertence à Igreja Católica.

Note-se que, o papel da Igreja foi tão importante, que esteve na origem da delimitação dos principais períodos históricos do voluntariado, referidos anteriormente, especialmente com a criação das Santas Casas de Misericórdia, no período Pré-Industrial (Serapioni, et al., 2013).

2.7.3. Terceiro Setor

O Terceiro Setor, é composto por um conjunto de organizações privadas sem fins lucrativos, que promovem o voluntariado. Em geral, as organizações do terceiro setor apresentam as seguintes características: a organização formal, a independência face ao Estado, a ausência de fins lucrativos e o primado do voluntariado (Penido, 2015). Esta última característica, segundo Penido (2015), contribui fortemente para manter o terceiro setor em pleno funcionamento, onde os voluntários são fulcrais na manutenção das instituições que formam o terceiro setor. Ainda segundo a autora, os voluntários dão apoio à gestão e na realização das mais diversas atividades nas instituições.

Rotolo (2003, citado por Serapioni et al., 2013), aprofunda mais esta questão e no Terceiro Setor, distingue dois tipos de organizações: organizações que dependem diretamente de voluntários e organizações onde profissionais empregados e voluntários desenvolvem atividades conjuntamente. No primeiro caso, os profissionais são em menor número do que os voluntários, sendo que é destes que os objetivos das organizações dependem. Por isso, os voluntários têm um papel com destaque nas organizações (caso das Organizações Humanitárias ou Ambientais). No segundo tipo de organizações, os voluntários não são vitais para o funcionamento da organização, estes desempenham parte das atividades, contribuindo para a melhoria dos serviços prestados. De uma forma geral, é possível dizer que os voluntários neste contexto, suplementam a organização (Rotolo 2003, citado por Serapioni et al., 2013).

Posto isto, de facto os voluntários assumem um papel importante no Terceiro setor, no desenvolvimento das mais variadas atividades, pelo que, não é de estranhar que este seja o maior e mais importante promotor do voluntariado.

2.7.4. Empresas

Serapioni et al. (2013), relembram que neste ponto, a União Europeia chamou a atenção, para a necessidade de uma maior participação das empresas em voluntariado, como forma de responsabilidade social. Entenda-se como responsabilidade social empresarial, o comprometimento das empresas, em criar um mundo que seja sustentável para elas próprias, para a sociedade civil e para o ambiente, trabalhando para isso com os seus colaboradores, fornecedores, comunidade local e sociedade em geral, na melhoria da qualidade de vida (Magalhães & Ferreira, 2014). As autoras, chamam atenção para o facto de a atividade das empresas, assentar em três importantes pilares: económico, ambiental e social. Portanto, a responsabilidade social empresarial, surge como forma de cumprir com o seu terceiro pilar. É nesta perspetiva, que o trabalho voluntário surge como uma forma de responsabilidade social empresarial, que permite fomentar a participação, cooperação, compromisso e a responsabilidade, para a coesão social e económica (Magalhães & Ferreira, 2014).

O voluntariado empresarial constitui para Santos (2010, citado por Serapioni et al. 2013), a ligação perfeita entre o mercado e a comunidade. Em Portugal, tem-se verificado um aumento de empresas envolvidas em projetos sociais e iniciativas de apoio, que contribuem para o bem-estar da comunidade. Além do impacto positivo na sociedade, o voluntariado também é benéfico para os funcionários da empresa, uma vez que, de acordo com Serapioni et al. (2013), com base no comunicado da União Europeia, o voluntariado permite-lhes adquirir fora da empresa competências sociais que estimulam a criatividade, aumentar a motivação para o trabalho e reforçar a sua ligação com a empresa onde trabalham.

2.8. Importância do Voluntariado e os seus Benefícios

O voluntariado tem um papel fundamental no mundo atual, trazendo benefícios para quem o pratica e para quem o recebe. De acordo com Clary, Ridge, Stukas, Snyder, Copeland, Haugen & Miene, (1998), existe uma relação positiva entre a correspondência das motivações com os benefícios do voluntariado. Segundo os autores, a aquisição de benefícios de acordo com as motivações dos indivíduos, são fundamentais para uma experiência de voluntariado satisfatória, o que contribui para a permanência do indivíduo na organização.

Neste ponto, surge o contributo de Serapioni et al. (2013), que salientam os benefícios do voluntariado no envelhecimento ativo, na juventude, no emprego e na exclusão social.

2.8.1. Voluntariado e Envelhecimento Ativo

Um dos grandes problemas que o mundo enfrenta, é o envelhecimento da população que tem vindo a aumentar de forma bastante acelerada. Estima-se que em 2050, 17% dos habitantes do planeta terão mais de 65 anos, segundo o Census Bureau dos Estados Unidos, enquanto que atualmente essa proporção é de 8,5% (Pena, 2016). O autor esclarece que esta situação acontece em função de dois fatores principais: a queda das taxas de mortalidade (derivada à melhoria nas condições de vida) e a queda acentuada das taxas da natalidade.

Está a aumentar o número de pessoas, em idade de reforma, a sair do mercado de trabalho. Após a saída do mercado de trabalho, a maior parte dos idosos têm tempo livre disponível, pois, já não tem uma ocupação remunerada. Com o passar do tempo os idosos sentem necessidade de criar relações sociais fora do trabalho e encontrar uma nova ocupação. Assim, o voluntariado para esta classe etária permitirá manter uma ocupação e uma nova perspetiva de vida, criando no idoso um sentimento de utilidade e confiança (Serapioni et al., 2013).

O trabalho voluntário realizado por idosos, é entendido como um modo peculiar de envelhecimento ativo, pois, as suas experiências de vida, conhecimentos e competências são colocadas à disposição de outras gerações. Por outro lado, o voluntariado contribui, também, para que o idoso melhore a sua autoestima, combata o isolamento e a depressão (Serapioni, et al., 2013).

Serapioni et al. (2013), relembram o comunicado da Organização Mundial de Saúde, que alerta para a importância do voluntariado na manutenção do bem-estar e da qualidade de vida na velhice, bem como, na promoção do envelhecimento ativo e saudável.

O trabalho voluntário, acaba por ser uma forma de ajuda mútua, onde os idosos que o realizam, auxiliam outras pessoas ao mesmo tempo que sentem úteis e inseridos na sociedade. Serapioni et al. (2013), acrescentam, ainda, que saber aproveitar o potencial do idoso através do trabalho voluntário, é uma ferramenta de exercício de cidadania.

Acresce o facto de o voluntariado contribuir para a saúde física dos idosos. Com o avançar da idade, os idosos podem possuir algumas limitações na sua capacidade motora, características da idade e o voluntariado pode ter um papel importante, na medida em que, aumenta a atividade física, até porque geralmente requer viagens para e do local de voluntariado. Além disso, o idoso tem de executar variados tipos de tarefas que envolvem atividade física, como por exemplo:

cozinhar e servir comida, jardinagem ou interação com crianças (Lum e Lightfoot 2005; Moen, Dempster-McClain e Williams 1992, citados por Kent, 2011).

Por outro lado, kent (2011) defende que o voluntariado promove hábitos de saúde, uma vez que, os voluntários idosos ao aumentarem a sua autoconfiança e o controlo sobre o seu comportamento, adotam medidas preventivas de saúde que, por sua vez, ao melhorarem a sua qualidade de vida, permite-lhes aumentar a esperança média de vida.

Importa, ainda, referir que um grande número de pessoas idosas, vêm a sua memória afetada e, por isso, tem tendência a perder capacidade de planeamento das tarefas diárias a realizar. Porém, com a prática de voluntariado, surge a oportunidade de os idosos estimularem a sua mente, através do planeamento das variadas atividades exigidas pelo trabalho voluntário. Assim, esse estímulo mental permite retardar ou compensar o declínio da função cognitiva (Kent, 2011).

2.8.2. Voluntariado Jovem e Cidadania

À semelhança dos idosos, também nos jovens o voluntariado influencia fortemente um comportamento saudável, uma vez que, o mesmo vem contribuir para que os jovens tenham mais atenção à sua saúde e adotem estilos de vida saudáveis. Portanto, o voluntariado parece vir reforçar a promoção da saúde quer física, quer psicológica ou mesmo espiritual (Serapioni et al., 2013).

No que toca à relação entre o voluntariado jovem e cidadania, Serapioni et al. (2013), defendem que, as Escolas e as Universidades devem assumir um papel ativo, na educação dos jovens para o desenvolvimento cívico, bem como, no estímulo à participação em ações de voluntariado.

De acordo Serapioni et al. (2013), os jovens que realizam voluntariado revelam um maior grau de consciencialização relativamente à promoção de valores de cidadania. Por essa razão, alguns autores defendem que a probabilidade de os jovens se envolverem em situações problemáticas e terem comportamentos desviantes é muito menor. Por conseguinte, o voluntariado contribui, então, para a redução do vandalismo, consumo de drogas e prevenção da gravidez precoce (Haski-Leventhal, Ronel, York, & Ben-David, 2008).

Por fim, o convívio social, o estabelecimento de relações de amizade, a ocupação dos tempos livres (mais referido por estudantes), crescimento pessoal e humano, são também outros benefícios da prática de voluntariado (Ferreira, 2013).

2.8.3. Voluntariado, Emprego e Exclusão Social

O voluntariado assume um importante papel na luta contra a exclusão social, na promoção da inclusão social e no emprego.

Em dezembro de 2010, o Centro Europeu do Voluntariado (CEV), emitiu a Declaração de Bruxelas que se traduz, numa ponte entre o Ano Europeu da Pobreza e Exclusão Social e o Ano Europeu do Voluntariado. A Declaração de Bruxelas definiu um conjunto de metas que pretendem: o reforço da contribuição do voluntariado para a autonomia e inclusão social das pessoas em situação de pobreza; a melhoria do trabalho voluntário tornando-o num meio de inclusão mais eficaz; a garantia, a nível jurídico, de que o voluntariado é um direito que chega a todos; e o reforço do papel do voluntariado para o aumento da empregabilidade (Serapioni et al., 2013).

Deste modo, o voluntariado ganhou um peso importante nas políticas governamentais na área da luta contra a pobreza e exclusão social, verificando-se em Portugal uma aposta nas políticas de promoção do voluntariado com os Planos Nacionais de Ação para a Inclusão (Serapioni et al. 2013).

Em Portugal existem variadas organizações que promovem o voluntariado, como é o caso da Cruz Vermelha Portuguesa, que conduz atividades de voluntariado para projetos de inclusão social e para dar resposta a situações de emergência social.

A diminuição da pobreza e da exclusão social, é uma das áreas de intervenção mais comum do voluntariado em Portugal. Esta área, revela-se bastante importante, devido à crescente complexidade dos aspetos de exclusão social, ligados a novos fenómenos e novos grupos sociais em risco de exclusão, como os imigrantes e outras minorias étnicas, as pessoas portadoras de VIH/SIDA, os reclusos, os toxicodependentes (Serapioni et al., 2013).

O voluntariado, além de contribuir para a construção de autoconfiança e constituir um fator de integração e coesão social e solidariedade, promove também o diálogo intercultural e, conseqüentemente, promove a coabitação pacífica de diferentes comunidades. De acordo com o Conselho da Europa, existem diversas organizações voluntárias que tem como objetivo a

integração das comunidades migrantes e o desenvolvimento de projetos para facilitar o diálogo cultural através do voluntariado (Serapioni et al., 2013).

No que concerne ao emprego, Serapioni et al. (2013), refere que o voluntariado é uma forma de prevenir a exclusão social das pessoas em situação de desemprego e de potenciar a empregabilidade. Portanto, o voluntariado pode ser visto como uma forma de as pessoas voltarem ao mercado de trabalho, pois, permite aos indivíduos a melhoria e a promoção das suas competências, bem como, a aquisição de novas experiências importantes para a empregabilidade.

Deste modo, o voluntariado assume-se, então, como uma estratégia eficaz que permite novas aprendizagens e a consolidação dos conhecimentos apreendidos no âmbito da educação. De acordo com Serapioni et al. (2013), o voluntariado, permite: o contacto com o meio de trabalho; a obtenção de conhecimento; exercício de competências e extensão de contactos sociais que podem conduzir a melhores e novas oportunidades de emprego.

Convém, ainda, referir que nesta temática voluntariado/emprego, alguns autores, nomeadamente Hardill, Baines & Perri (2007, citados por Serapioni et al., 2013), alertam para o facto de o voluntariado estar cada vez mais associado à qualificação e requalificação para o emprego, deixando de lado o seu carácter altruísta e desinteressado, para se centrar nos benefícios pessoais para o voluntário. Esta motivação egoísta do voluntário, centrada na obtenção de emprego, constitui uma dificuldade em termos de gestão de voluntariado. Logo, os promotores de voluntariado, procuram evitar esse tipo de motivações, por considerarem que não se adequam aos princípios do voluntariado (Hardill, et al., 2007, citados por Serapioni et al., 2013).

Por fim, em Portugal a articulação entre o voluntariado e a empregabilidade, na perspetiva das qualificações, vai ao encontro do que é afirmado por Serapioni et al. (2013). Com efeito, em Portugal, esta articulação tem acontecido a partir das Instituições do Ensino Superior que pretendem ver reconhecido, no diploma, o trabalho voluntário dos estudantes. Por isso, além da oferta de estágios profissionais, as Universidades têm gerado oportunidades de voluntariado, que complementam a formação dos estudantes e atuam como forma de relacionamento entre as instituições e a sociedade.

Não obstante, além de todos os benefícios já referidos, o voluntariado contribui para que todos os indivíduos que o pratiquem, independentemente da idade, sintam uma maior satisfação com a vida, uma enorme vontade de viver, sentimentos elevados de respeito, e menos sintomas

de depressão e ansiedade, maior autoestima e confiança em si próprios, comparativamente com os não-voluntários (Ferreira, 2013). Uma maior satisfação com a vida prende-se com o facto de o voluntário ao constatar de que existem sempre outros mais desfavorecidos, contribui para uma melhor percepção da vida e conseqüente, satisfação com a mesma. Além disso, um outro benefício apontado é a obtenção de prestígio, que se traduz no reconhecimento pela comunidade (Borgonoovi, 2008, citado por Ferreira, 2013).

2.9. Motivações para a Prática do Voluntariado

Numerosos estudos têm tentado entender que motivações estão na origem da prática de voluntariado.

A motivação, no âmbito do voluntariado, revela-se extremamente importante na retenção dos indivíduos na organização. Assim, uma vez que, os voluntários são importantes para as organizações promotoras de voluntariado, é fundamental identificar e trabalhar as suas motivações, para aumentar a probabilidade de retenção dos mesmos nas organizações (Clary et al., 1998).

Surpreendentemente, existe um maior número de mulheres a fazer voluntariado do que homens, facto este, que poderá ser explicado, pela responsabilidade que a sociedade lhes atribui, quanto ao cuidado e atenção dos outros. Desde tempos antigos, que a mulher é vista como tendo um importante papel na gestão e cuidado familiar (Taniguchi, 2006). Para Eagly (2009) na nossa sociedade, desde sempre as mulheres assumem um “papel expressivo”, associado à atenção afetiva e ao suprimento das necessidades das pessoas mais próximas e carenciadas. Em contrapartida, os homens desempenham um “papel instrumental”, no qual inibem as suas emoções, para se focarem na realização de objetivos e no cumprimento das suas metas, acabando por agir em função do seu interesse pessoal. Deste modo, para alguns autores como García-Cano, Paterna, & Martínez (2016), homens e mulheres agem em função destes papéis que representam, por isso, a mulher tende a iniciar o voluntariado como forma de expressar os seus valores pessoais e a sua natureza materna, enquanto o homem valoriza mais os motivos instrumentais (benefícios obtidos ao nível da empregabilidade e desenvolvimento profissional, por exemplo). Contudo, neste ponto não há um consenso, já que, Fletcher & Major (2004, citados por Ortiz, 2018), defendem que não há diferenças nos motivos de iniciação ao voluntariado entre os homens e as mulheres.

As motivações que levam os indivíduos a fazer voluntariado, são diversas e estas diferem de pessoa para pessoa, e, na opinião de alguns autores, tendem a diferir ainda mais consoante as idades dos voluntários. De acordo com um estudo desenvolvido por Jones (2000, citado por HaskiLeventhal, York, Ben-David & Ronel, 2008), sobre as motivações dos jovens do Canadá para o voluntariado, destacam-se os seguintes motivos: identificação com a causa; praticar competências; adquirir novas experiências; aumentar a probabilidade de obtenção de um trabalho remunerado. De um modo geral, os jovens e os adultos iniciam a prática de voluntariado, com o objetivo de obterem conhecimentos e desenvolverem competências que os beneficiem na sua atividade profissional atual ou futura. Ao passo que, os idosos veem no voluntariado uma oportunidade de ajudarem os que mais necessitam e, deste modo, permanecerem ativos na sociedade (Okun & Schultz, 2003, citados por Morrow-Howell, 2010).

Considerando Wilson & Pimm (1996, citados por Sousa, 2012), muitos indivíduos voluntariam-se pela influência da família, por ser já uma tradição ou um valor inerente que passa de geração em geração. Por outro lado, segundo Wymer (1998), os voluntários são motivados pela vontade de expressar os seus valores pessoais tais como: dever cívico, crenças religiosas que apelam à caridade ou o simples desejo em ajudar os outros. Outros motivos dizem respeito: ao facto de já se ter beneficiado do trabalho de voluntários e se sentir necessidade de recompensar essa ajuda; desejo de ser um participante ativo e integrado na sociedade e dar o seu contributo para a mesma; ocupar o tempo livre com boas causas (Gay, 2001, citado por Sousa, 2012). O interesse pelo voluntariado pode, também, surgir da necessidade de: ser bem aceite pelos outros e estar envolvido na comunidade; obter satisfação pessoal; combater a solidão, criar relações com pessoas de interesses semelhantes e, por fim, pelo simples interesse próprio em determinadas causas ou projetos (Wilson & Pimm, 1996, citados por Sousa, 2012, Dolnicar & Randle, 2004).

Porém, existem outras razões que motivam as pessoas para o voluntariado e, tendo em conta uma lista elaborada por McCurley & Lynch (1999), os fatores que conduzem os indivíduos ao voluntariado, são: a vontade de fazer novos amigos ou de manter o contacto com antigos amigos que fazem voluntariado numa determinada organização; por diversão; desejo de pertença a um determinado grupo/equipa; viver novos desafios; aquisição de competências; impressionar os futuros empregadores, disponibilidade de tempo. Kent (2011), refere que outro fator que pode levar à prática de voluntariado, é o exercício de voluntariado no passado.

Segundo Suanet, Groenou & Braam (2009), a disposição para uma pessoa se tornar voluntária é apreendida no decorrer do processo de socialização por meio da escola, família e comunidade. Além disso, os autores acreditam que essa mesma disposição, é ainda maior quando os indivíduos se sentem responsáveis pelo bem-estar dos outros, e se comprometem a investir tempo e energia em ações sociais, que beneficiam mais os outros do que a eles mesmos.

A adesão ao voluntariado depende, ainda, de algumas variáveis, como as alterações no estado de saúde, emprego ou estado civil, que influenciam significativamente os índices de voluntariado (Groenou & Tilburg, 2010).

De acordo com Konrath, Fuhrel-Forbis, Lou & Brown (2012), existem dois tipos de motivos, que podem estar na origem da iniciação ao voluntariado:

1. “auto-orientados” ou individuais, que dizem respeito aos benefícios adquiridos pelos indivíduos, resultantes da experiência do voluntariado (por exemplo a progressão na carreira, aquisição de novas competências, esquecer os seus próprios problemas);
2. “orientados para os outros”, correspondem ao simples desejo de ajudar os outros de forma desinteressada.

Existem uma pluralidade de fatores que estão na origem da prática do voluntariado e a literatura evidencia três importantes modelos que explicam e avaliam as motivações para o trabalho voluntário: Modelo dos Dois ou Três Fatores; Modelo de Um Fator ou Unidimensional; Modelo Multifatorial ou Perspetiva Multifuncionalista.

No Modelo dos Dois ou Três Fatores, de acordo com Papadakis, Griffin & Frater (2005), as pessoas tornam-se voluntárias tanto por motivos altruístas como egoístas. Fitch (1987, citado por Esmond & Dunlop, 2004) para completar o Modelo de Dois Fatores, sugeriu adicionar o conceito de obrigação social, às razões altruístas e egoístas.

Para que a atividade seja qualificada como voluntária, o altruísmo deve ser a motivação principal. O altruísmo é definido, como a doação de tempo ou qualquer outro bem ou serviço que contribui para o bem-estar dos outros, realizado sem nenhuma obrigação nem esperança em obter algo de volta no futuro (Kennett, citado por Sousa, 2012). Um exemplo de motivação altruísta é a simples preocupação com os outros. Contudo, os indivíduos também podem fazer voluntariado por motivos egoístas, ou seja, não somente por motivos puramente altruístas, com o objetivo de obter benefícios próprios (Cnaan & Goldberg-Glen, 1991). Deste modo, existem um conjunto de

motivações não altruístas que influenciam o início da atividade voluntária, a saber: interesse em se inserir em partidos políticos; vontade de conhecer pessoas influentes com posições de poder ou estatuto; obtenção de prestígio e o reconhecimento social, para alcançar determinados graus de respeito e estatuto na sociedade. Uma outra motivação egoísta, que leva os indivíduos a praticar voluntariado, prende-se com regalias às quais os indivíduos podem ter acesso ao fazer voluntariado, tais como: viagens; bilhetes para concertos; entradas livres em museus ou em exposições (Ferreira, et al. 2008).

Em relação ao Modelo de Um Fator ou Unidimensional, a Escala de Motivação para o Voluntariado (MTV) foi proposta por Cnaan et al. (1991). De acordo com este modelo, os indivíduos decidem fazer voluntariado não por uma razão em particular, mas por um conjunto de razões que podem não pertencer todas à mesma categoria. Assim, de acordo com de Cnaan et al. (1991), os voluntários podem apresentar razões altruístas e egoístas para a prática de voluntariado, sem destas fazerem qualquer tipo de diferenciação. Para os autores, esta combinação de diferentes categorias de motivos, faz com que a experiência de voluntariado seja satisfatória e recompensadora para o voluntário, aumentando a sua probabilidade de continuar a colaborar com determinada organização.

No caso do Modelo Multifatorial ou Perspetiva Funcionalista, este baseia-se na perspetiva funcionalista para aceder às motivações para o voluntariado, foi desenvolvido por Clary et al. (1998). Os autores, referem que a perspetiva funcionalista, diz respeito às razões e propósitos, planos e objetivos, que geram o fenómeno psicológico, ou seja, as funções pessoais e sociais potenciadas por pensamentos individuais, sentimentos e ações. Segundo Clary, et al. (1998), as motivações que levam à prática do voluntariado podem, então, dividir-se por seis funções, nomeadamente:

1. Função Valores: está relacionada com o altruísmo e humanismo, como tal, a pessoa torna-se voluntária com o objetivo de expressar valores altruístas e humanitários, como por exemplo, a preocupação de ajudar os mais desfavorecidos.
2. Função Compreensão/Experiência: diz respeito à ânsia de usufruir de novas experiências, obter novas aprendizagens, conhecimentos, competências e habilidades, bem como, colocar em prática conhecimentos e competências adquiridos anteriormente.

3. Função Autoestima/Crescimento: relaciona-se ao desenvolvimento, crescimento psicológico e satisfação pessoal através do voluntariado, permitindo um espírito mais positivo e uma autoestima mais elevada.
4. Função Carreira: está ligada ao objetivo de ganhar experiência profissional e obter benefícios profissionais, a fim de se preparar para uma futura carreira.
5. Função Social: diz respeito à possibilidade de conviver com os amigos e com novas pessoas, enquanto se está envolvido em atividades valorizadas pela sociedade no geral, ganhando desta forma reconhecimento por parte da comunidade à qual se pertence.
6. Função Proteção: tem em vista a redução de sentimentos negativos como a culpa de se ter uma vida melhor que os outros, ou resolução de problemas pessoais, como uma forma de “escapar” temporariamente a esses problemas através do voluntariado.

O estudo de Clary & Snyder (1999), acerca das motivações que levam os indivíduos para o voluntariado, conclui que as funções com maior destaque são a função de valores, de compreensão e de autoestima. De acordo com a abordagem funcionalista, os indivíduos iniciam e permanecem voluntários com o objetivo de satisfazer funções psicológicas. Ainda segundo esta abordagem, as pessoas são diferentes umas das outras, podendo apresentar mais do que uma motivação, que irão tentar satisfazer na execução das suas tarefas. Por conseguinte, os indivíduos, tendem a procurar tarefas que proporcionem benefícios, que de alguma forma sejam compatíveis com os seus motivos (Houle, Sagarian & Kaplan, 2005). Clary et al. (1998), descobriram que quando os benefícios adquiridos pelos voluntários, correspondem às suas motivações, estes sentem-se mais satisfeitos com a sua experiência de voluntariado. Assim, combinar motivações com benefícios, gera uma experiência mais positiva para o voluntário.

McKee (2010), propõe sete principais fatores de motivação no contexto do trabalho voluntário, tais como:

1. Feedback: um feedback positivo, além de não implicar qualquer custo pode aumentar, em bastante, os níveis de motivação dos voluntários;
2. Reconhecimento: é o ato de reconhecer o valor dos objetivos alcançados no trabalho voluntário;
3. Recompensa: diz respeito ao ato de presentear o voluntário pelo excelente trabalho ou pela superação dos objetivos;
4. Conferências: a presença em conferências centra-se na oportunidade proporcionada aos voluntários para exporem e trocarem impressões sobre os seus pontos de vista e as suas

ideias dando-lhes, igualmente, a possibilidade de discutirem os temas a tratar. Esta oportunidade, motiva os voluntários, na medida em que, estes sentem que a sua opinião também conta, fazendo-os sentir envolvidos nos processos. As conferências oferecem dois benefícios principais: a formação e a motivação;

5. Tempo: a disponibilidade de tempo também é motivadora, pois, os voluntários podem discutir e partilhar as suas experiências de trabalho, entre si e/ou com os trabalhadores remunerados, sentindo uma valorização do mesmo por parte do outro;
6. Alimentação grátis: a referência à comida grátis surge, principalmente, nas situações em que o trabalho se prolonga durante muitas horas. Perante esta situação, a oferta de comida vai contribuir para motivar e incentivar os voluntários;
7. Diversão: na medida em que, por vezes, o trabalho voluntário atinge elevados níveis de stress, portanto, um momento de diversão é bom para aliviar e descontrair, pois, quanto maior a paixão e a seriedade que transportámos para o trabalho, mais elevadas são as probabilidades de nos esquecermos de rir.

2.9.1. Motivações dos Estudantes

No que concerne às motivações dos estudantes, para a prática do voluntariado nomeadamente os estudantes do Ensino Superior, importa referir que, a escola é uma instituição por excelência facilitadora da promoção da cidadania e do voluntariado, porque concede aos alunos um espaço de intervenção na comunidade. As Instituições de Ensino Superior são detentoras de um grande capital humano e científico tornando-se, por isso, facilitadores da sensibilização, promoção e do envolvimento das comunidades locais, em que o voluntariado funciona como um veículo privilegiado na difusão do conhecimento, na definição de ações concretas, na resolução de problemas e na humanização dos serviços que o empregam (Serapioni, et al., 2013).

As atividades realizadas fora do âmbito académico, contribuem para o enriquecimento da formação dos estudantes universitários, bem como, para o seu bom desenvolvimento pessoal e profissional. Assim, o trabalho voluntário é uma atividade importante para o desenvolvimento de competências e aplicação de conhecimentos, uma vez que, dá a possibilidade ao universitário participar de forma ativa, autónoma, responsável e criativa na sociedade (Nunes, 2009; Flor, 2003, citados por Marques, 2016).

Um estudo nacional de estudantes universitários na Inglaterra, constatou que os entrevistados, deram razões tanto altruístas como egoístas, para a prática de voluntariado (Holdsworth, 2010). As razões mais importantes para o voluntariado foram as seguintes: ajudar alguém na comunidade; contribuir para a diminuição das desigualdades sociais; aprender novas habilidades; desenvolver competências pessoais; responder às suas necessidades ou aptidões; ajudar a ganhar experiência para beneficiar a carreira futura; fazer novos amigos; beneficiar o currículo e viver momentos de diversão.

Na mesma linha de pensamento, numa amostra recolhida na Universidade dos Estados Unidos, concluiu-se que as funções motivacionais mais importantes para os estudantes foram valores e crescimento. No término da vida académica, as motivações carreira e emprego destacaram-se mais (Gage &Thapa, 2012 citados por Marques, 2016).

No caso dos alunos do Secundário, tratando-se estes de adolescentes um estudo elaborado por Goethem, Hoof, Aken, Castro & Raaijmakers (2014), mostra que dois dos agentes socializadores mais importantes, que influenciam o desenvolvimento do voluntariado dos adolescentes, são os pais e os amigos.

Os pais são importantes, pois, são eles que educam os seus filhos e lhes transmitem os valores e acabam por ser um modelo para eles, e os amigos são importantes, pois compartilham os mesmos interesses, traços. Os autores, referem que há um volume relativamente grande de estudos publicados, que provam que se um ou ambos os pais forem voluntários, é um dos melhores preditores de que os adolescentes serão também voluntários. Portanto, o voluntariado é transmitido de pais para filhos. Por outro lado, Goethem et al. (2014), sugerem que os adolescentes são mais propensos a voluntariar-se quando os seus amigos também são voluntários, especialmente, quando o voluntariado é realizado por amigos íntimos.

Com o seu estudo, os autores descobriram que no caso dos adolescentes voluntários mais velhos, quando os seus amigos se voluntariam, estes têm uma maior probabilidade de se voluntariarem. Em contrapartida, embora os amigos também exerçam uma influência importante nos voluntários mais jovens, os pais têm uma maior influência na probabilidade de os adolescentes mais jovens praticarem voluntariado. Na perspetiva dos autores, tal situação poderá dever-se ao facto de que à medida que os adolescentes crescem, têm tendência a passar mais tempo com os amigos e realizar atividades junto deles, nomeadamente o voluntariado.

Uma investigação levada a cabo por Dykhuis (2010), em que foram entrevistados estudantes do Ensino Secundário do Canadá que tiveram uma experiência de voluntariado, num outro país completamente diferente do seu, em Guatemala, sustenta também a teoria da influência dos amigos na prática de voluntariado, já que, a maioria dos estudantes referiu como principal motivação o facto de ser divertido viajar com os seus amigos.

As escolas, como já referido anteriormente, desempenham um papel crucial na promoção do desenvolvimento cívico dos estudantes, expondo-os aos valores que sustentam o voluntariado. Além disso, as escolas facilitam, muitas das vezes, o acesso dos jovens aos bancos locais de voluntariado.

Ferreira (2013), num estudo realizado, envolvendo estudantes do Ensino Secundário, aferiu que a maioria dos alunos entrevistados já demonstrara vontade para a prática de voluntariado. Contudo, nesse estudo, aqueles que referem nunca ter refletido muito sobre o assunto, destacam a escola e os professores e a família como a sua principal fonte de motivação. Houve ainda um aluno, que referiu a pertença a um grupo que incentiva a prática de voluntariado, como é o caso dos escuteiros.

As motivações dos alunos neste estudo, foram, ainda, analisadas de acordo com a Abordagem Funcional de Clary et al. (1998). Assim, as funções apuradas foram a função de valores, pois, os alunos demonstraram preocupação e vontade de ajudar os mais carenciados; a função de compreensão em que os indivíduos têm interesse em aprender ou pôr em prática conhecimentos adquiridos; a função social que se relaciona com o desejo de pertença a um grupo, uma vez que, os alunos revelaram que foram as apresentações elaboradas, nas salas de aula, por outros colegas, que lhes suscitou curiosidade e vontade de participar, por fim, foi encontrada também a função autoestima, mediante a vontade que todos os alunos apresentaram em aumentar a sua autoestima (Ferreira, 2013).

Um outro estudo envolvendo também estudantes do Secundário, realizado por Almeida (2011), encontrou o mesmo tipo de motivações, tendo ainda encontrado a função proteção, relacionada com o sentimento de dívida para com a sociedade, que fomenta o apoio aos mais desfavorecidos e a função carreira referida apenas por um dos participantes. Curiosamente, à semelhança dos resultados do estudo de Ferreira (2013), também os resultados do estudo de Almeida (2011), apontam a pertença a grupos que promovam o voluntariado, como o caso dos escuteiros, como uma motivação para a prática de voluntariado. Deste estudo, derivam outras

motivações tais como: as experiências anteriores de voluntariado, com impacto muito positivo que geraram um sentimento de continuar a fazer mais e melhor, por fim, a influência positiva dos benefícios da prática de voluntariado (Almeida, 2011).

A par dos estudos de Ferreira (2013) e Almeida (2011), um estudo desenvolvido por Webber (2011), faz também referência à importância da escola, família, amigos, a pertença à igreja, organizações juvenis (caso dos Escuteiros), voltadas para os valores de solidariedade e cooperação, que sustentam o voluntariado, como fatores chave na influência dos adolescentes para a prática de voluntariado. Por outro lado, a simples vontade própria de ajudar as pessoas fazendo a diferença nas suas vidas, é também, para Webber (2011), um motivo para os adolescentes iniciarem o voluntariado.

Por fim, um estudo no Canadá desenvolvido por Hall, Lasby, Gumulka, & Tryon (2006), que incluiu jovens estudantes de ambos os graus de ensino, descobriu que à semelhança dos estudantes do Ensino Superior, também, os estudantes do Ensino Secundário, foram motivados para o voluntariado pela vontade de ganhar experiência, habilidades e qualificações relacionadas ao trabalho e carreira. Uma vez mais, o facto de os seus amigos fazerem voluntariado e a vontade de contribuir para o bem da comunidade, também os influenciou na iniciação a esta prática.

III. Estudo Empírico – Metodologia e Descrição da Amostra

Esta terceira parte compreende, fundamentalmente, as questões de partida da investigação, as hipóteses, a descrição dos instrumentos e procedimentos aplicados na recolha dos dados, bem como, a caracterização da amostra com base nos dados obtidos junto da população alvo.

3.1. Questão da Investigação

O que motiva um estudante a seguir práticas de Voluntariado?

Esta questão principal remete-nos para uma segunda questão:

O que distingue as motivações para a prática do voluntariado de um estudante do Secundário de um estudante da Universidade?

A questão parece-nos pertinente porque os voluntários do Ensino Secundário, podem ter motivações específicas com a idade e com a sua situação no agregado familiar que, entretanto, podem ter mudado aquando da sua estadia no Ensino Superior. Com efeito, antes poderiam praticar provavelmente porque a família praticava e os influenciava. Contudo, na Universidade, pressupõe-se que os alunos são mais autónomos e independentes, como tal podem praticar voluntariado por terem percebido que é realmente importante e porque de facto se sentem bem a praticá-lo. Ou seja, as motivações podem ter-se alterado.

Além disso, a questão de investigação revela-se pertinente, uma vez que, o apuramento das motivações que levam à prática do voluntariado, vai permitir a elaboração de campanhas de sensibilização que permitam uma melhor captação de jovens estudantes para a prática de voluntariado. Por outro lado, entender as motivações que estão na origem da prática do trabalho voluntário, permite que as organizações, promotoras de voluntariado, adotem estratégias eficazes, para a retenção dos estudantes voluntários.

3.2. Hipóteses

Hipótese 1: As motivações de voluntariado dos estudantes do Secundário são diferentes das motivações dos estudantes do Ensino Superior.

Desta hipótese derivamos as seguintes hipóteses:

- a) Os estudantes do Secundário praticam voluntariado porque a família também pratica.
- b) Os alunos do Ensino Superior praticam voluntariado porque realmente se sentem bem a ajudar os outros e a contribuir para uma determinada causa.

3.3. Método

O método que se afigura mais adequado para o estudo, é o Quantitativo, uma vez que, este é o que nos parece melhor para aferir as motivações dos estudantes do Ensino Secundário e dos estudantes do Ensino Superior, para a prática de voluntariado e de seguida tentar compreender, o que distingue as motivações dos estudantes do Ensino Secundário dos estudantes do Ensino Superior. Acresce, ainda, o facto de o método quantitativo apresentar um conjunto de vantagens: é dedutivo, conclusivo e produz informações quantificáveis sobre a magnitude do problema a tratar; as crenças e valores não são considerados fonte de influência e o resultado será mais fiel à realidade; fornece dados para provar ou refutar hipóteses. Este método possibilita, ainda, a inquirição junto de um número alargado de estudantes permitindo, assim, abranger uma diversidade de estudantes quer na Universidade quer do Ensino Secundário. No entanto, o mesmo método tem a limitação de não poder aprofundar a compreensão dessas motivações. Por isso, antes de procedermos à inquirição, procedemos a uma entrevista de profundidade (Apêndice II) a um voluntário, que nos permitirá ajudar a aferir as melhores questões a serem colocadas no questionário, que esteve na base da análise quantitativa. A análise da entrevista, consta na quarta parte desta investigação.

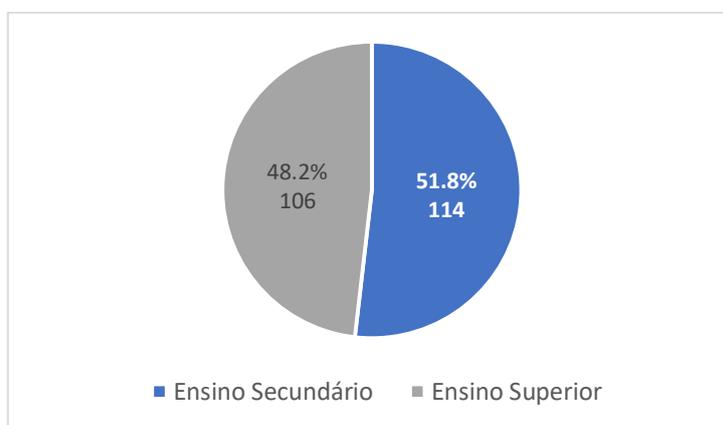
O questionário utilizado (Apêndice I), nesta investigação está dividido em 4 partes. A primeira parte do questionário, diz respeito à caracterização geral dos voluntários, inclui questões como: idade; sexo; grau de ensino; situação profissional; atividades dos tempos livres; o início da prática do voluntariado, bem como, os graus de ensino em que foi praticado; frequência e horas dedicadas ao voluntariado; áreas do voluntariado; tarefas realizadas; formação para o voluntariado e, por fim, a satisfação com o acompanhamento recebido por parte dos responsáveis do

Projeto/Instituição. A segunda parte do questionário, compreende um conjunto de afirmações que se referem às motivações para a prática de voluntariado. A terceira parte do questionário, possui um conjunto de afirmações, que se traduzem nas razões pelas quais o aluno pode ter deixado de ser voluntário. Por fim, a última parte do questionário é constituída por um conjunto de afirmações, relativas aos benefícios que advêm da prática de voluntariado.

3.4. Amostra

A amostra é composta por 220 alunos, que fazem ou já fizeram voluntariado, dos quais 51,8% são do Ensino Secundário e 48,2% são do Ensino Superior.

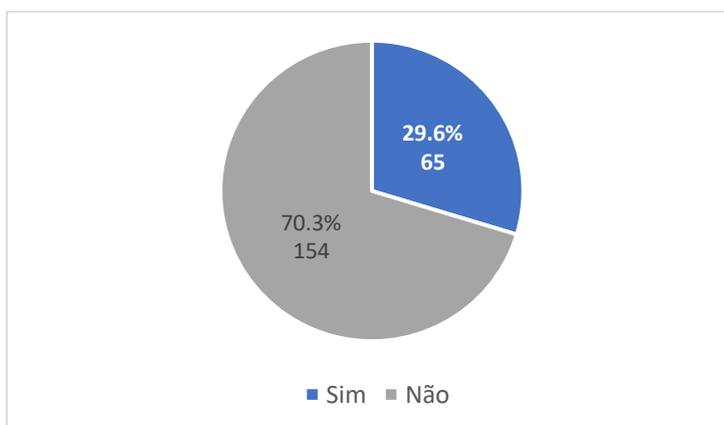
Gráfico 1 – Grau de Ensino



Fonte: elaboração própria

Apenas 29,6% dos alunos fazem atualmente voluntariado, tendo os restantes 70,3% dos alunos deixado a prática de voluntariado. Um aluno não respondeu à questão.

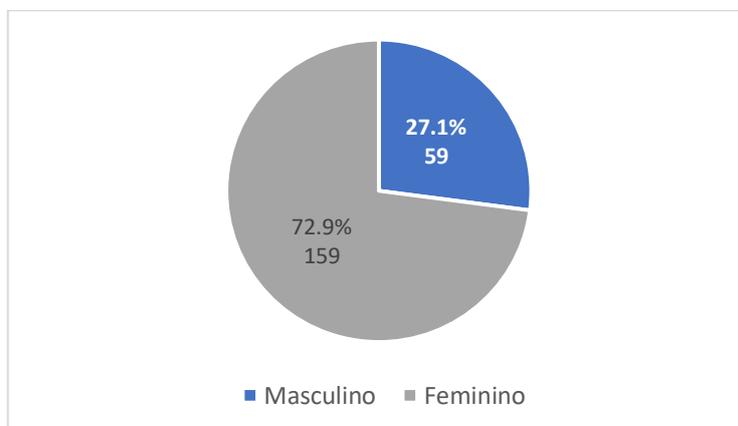
Gráfico 2 – Prática atual de voluntariado



Fonte: elaboração própria

Dos 220 alunos, 2 não responderam, 72.9% são do sexo feminino e 27.1% são do sexo masculino.

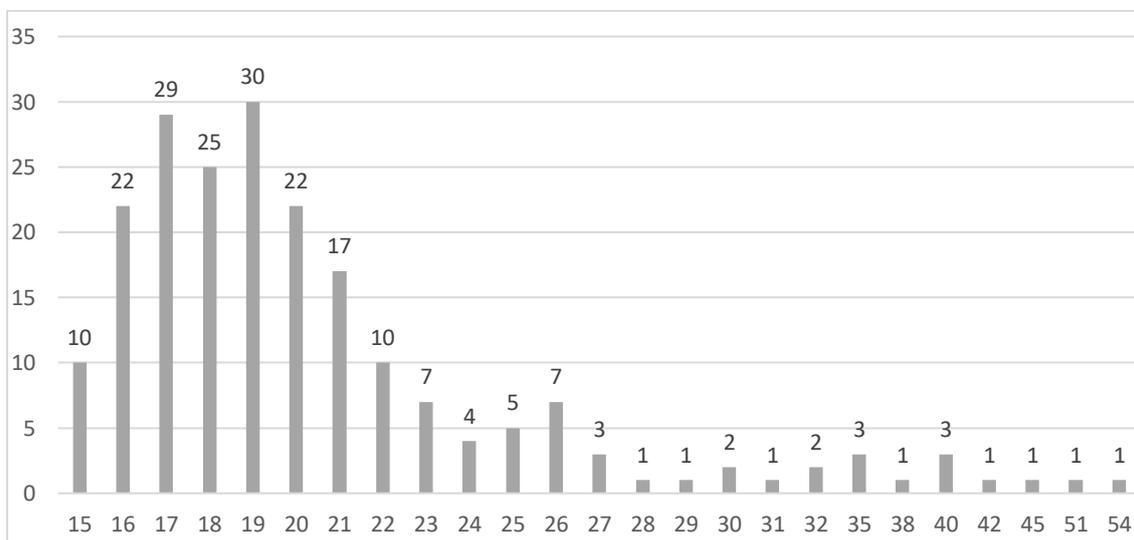
Gráfico 3 – Sexo



Fonte: elaboração própria

Os alunos que participaram no estudo, tem idades compreendidas entre os 15 e 54 anos, sendo a média das idades de 19.7 anos. Contudo, 11 alunos não responderam à questão.

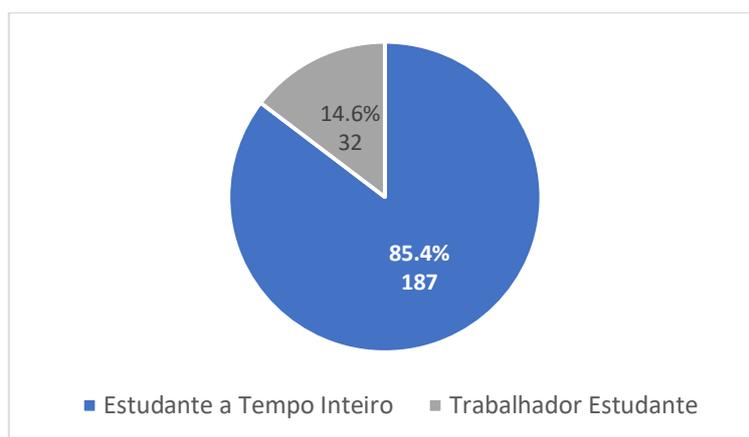
Gráfico 4 – Idade



Fonte: elaboração própria

Relativamente à situação profissional, 85.4% dos alunos são estudantes a tempo inteiro e 14.6% são trabalhadores estudantes. Um aluno não respondeu.

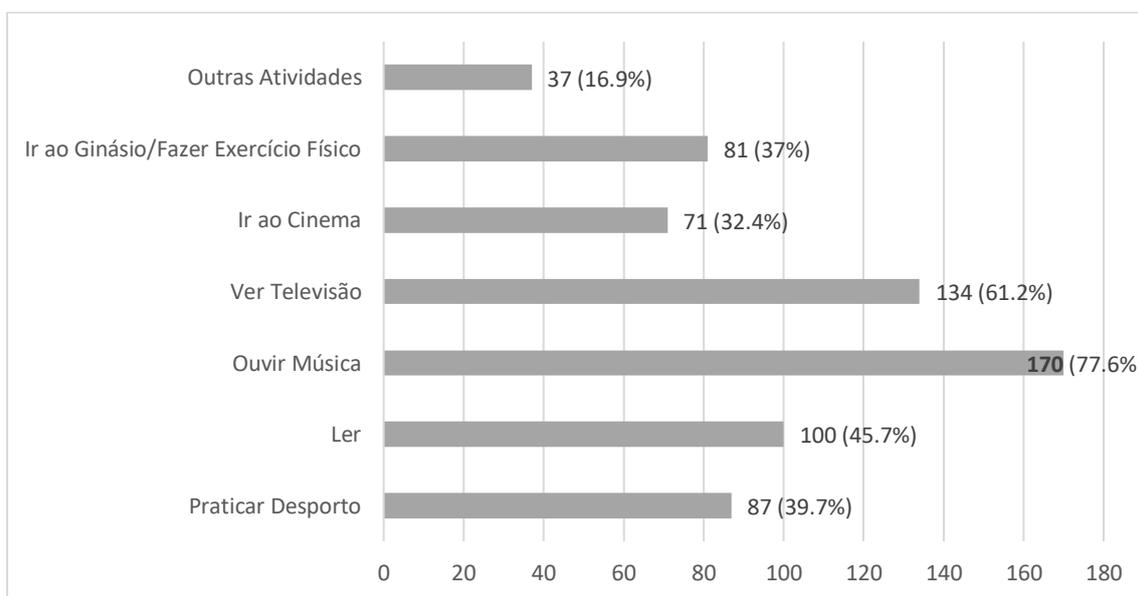
Gráfico 5 – Situação Profissional



Fonte: elaboração própria

Relativamente à ocupação dos tempos livres, 1 aluno não respondeu a essa questão e as atividades mais referidas pelos 219 alunos foram: ouvir música (77.6%); ver televisão (61.2%); ler (45.7%); praticar desporto (39.7%); ir ao ginásio (37%); ir ao cinema (32.4%). Verificou-se ainda que 16.9% dos alunos referiram outras atividades, para além das que constavam na lista de opções de resposta a essa questão no questionário, como se pode verificar no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Ocupação dos tempos livres



Fonte: elaboração própria

3.5. Variáveis

No que diz respeito às variáveis, a variável que se pretende explicar é a prática de voluntariado. Por sua vez, as variáveis que serão utilizadas para explicar as motivações para a prática de voluntariado são: o facto de os estudantes serem do secundário ou universitários; o género; a influência da família; verdadeira preocupação com o grupo a quem se dá apoio; valorização do currículo; interesse em obter contactos para integrar o mercado de trabalho; religião; obtenção de reconhecimento social; interesses lúdicos; aumento da autoestima; esquecimento dos problemas; combate à solidão; alívio do sentimento de culpa por se ter uma vida melhor que os outros; obtenção de competências importantes para o futuro; viver novas experiências; contribuir para levar esperança ao menos desfavorecidos; sentido de pertença a um grupo; contribuição para reduzir as injustiças sociais; acesso a determinadas regalias; possibilidade de fazer novos amigos; disponibilidade de tempo; obrigação (Apêndice I).

IV. Análise Qualitativa – Exploratória

Como referido anteriormente, de forma a auxiliar a escolha das melhores variáveis para a investigação quantitativa, foi realizada uma entrevista a um voluntário. Deste modo, nesta parte, iremos proceder à análise da mesma.

4.1. Conteúdo da Entrevista

A entrevista é composta por 20 questões, que se encontram numeradas para facilitar a análise de conteúdos, sendo utilizada essa mesma numeração, para fazer referência às respostas ao longo das análises efetuadas: Q (Questão) + número da questão. O guião da entrevista encontra-se na íntegra no Apêndice II e a entrevista completa no Apêndice III.

A análise da entrevista assenta em sete dimensões: dados demográficos, caracterização do voluntário, motivações para a prática de voluntariado, processo de recrutamento/seleção dos voluntários, áreas de voluntariado e tarefas realizadas, formação para o voluntariado, por fim, impacto do voluntariado na vida da entrevistada.

4.1.1. Dados demográficos

Esta dimensão, traduz-se numa primeira abordagem ao entrevistado, em que se pretende abordar as questões mais básicas como o sexo, idade, habilitações literárias e grau de ensino.

A pessoa entrevistada, é do sexo feminino, estudante universitária, praticante de voluntariado, tem 22 anos, licenciada em Administração Público-Privada pela Universidade de Coimbra, encontrando-se atualmente no Mestrado de Contabilidade e Finanças no Porto **Q1:** *“Tenho 22 anos.”* **Q2:** *“Sou Licenciada em Administração Público Privada, pela Universidade de Coimbra. Atualmente, estou no Mestrado de Contabilidade e Finanças no Porto.”*

4.1.2. Caracterização da voluntária

Nesta dimensão, pretende-se conhecer a situação da voluntária face à prática de voluntariado, abordando para isso, questões como há quanto tempo é que a voluntária faz voluntariado, quando começou, qual o primeiro projeto em que participou, bem como, a regularidade com que o faz e se é fácil conciliar as suas atividades com as de voluntariado.

A entrevistada, refere que o seu primeiro contacto com o voluntariado, foi na participação das campanhas do Banco Alimentar, durante o Ensino Básico Q3: *“A primeira vez que fiz voluntariado, foi quando participei nas campanhas do Banco Alimentar no 6º ou 7º ano, tinha 11/12 anos.”* Contudo, embora a participação nas campanhas do Banco Alimentar seja voluntariado, a entrevistada considera que a sua verdadeira experiência de voluntariado, foi durante a Universidade, aquando a participação na Missão País Q3: *“Mas a primeira vez mesmo a sério foi em Janeiro de 2017, durante a Licenciatura em Coimbra, com a Missão País que é um Projeto de Voluntariado Universitário Católico, em que vamos para uma vila aleatória no país.”*

Terminada a licenciatura em Coimbra, a voluntária mudou-se para o Porto, a fim de tirar o Mestrado, facto este que não a impediu de continuar a fazer voluntariado, procurando desse modo, novas oportunidades para o fazer. A regularidade com que o faz, depende dos projetos nos quais vai participando Q4: *“... no Projeto Vou Acompanhar, que também é um Projeto Universitário e faço acompanhamento a idosos, uma vez por semana duas horas ... na Missão País, cheguei a fazer duas semanas... no caso do Faz Mais era uma vez por semana”.* Porém, a regularidade com que pratica voluntariado, geralmente, é uma vez por semana, duas a três horas Q4: *“De uma forma geral, é sempre uma vez por semana, uma tarde ou algo do género, duas/três horas.”*

Ao nível da compatibilidade das atividades de voluntariado, com a vida pessoal/profissional da entrevistada, a mesma refere que existe bastante flexibilidade por parte do Projeto/Instituição, uma vez que, as escalas de voluntários são feitas com base na disponibilidade dos mesmos Q5: *“Sim, tenho conseguido conciliar porque normalmente eles pedem-nos o nosso horário e consoante o nosso horário, fazem as escalas dos voluntários.”* Além disso, na impossibilidade de num determinado dia não poder comparecer para as atividades, é possível os responsáveis do Projeto/Instituição, alterarem o dia para mais tarde Q5: *“... não te dá jeito num dia em que tens um exame, eles percebem isso e alteram-te o dia e naquele dia não vais. Isso é tranquilo.”*

4.1.3. Motivações para o voluntariado

Os motivos para iniciar o voluntariado são vários, podendo ser de natureza mais altruísta ou egoísta, como descrito na Revisão de Literatura. Assim, na presente dimensão, procuramos entender quais as motivações que levaram a entrevistada a voluntariar-se, nomeadamente, se a família e os amigos influenciaram essa decisão.

No início ao voluntariado, a entrevistada menciona que a família e os amigos não influenciaram em nada a sua decisão de se voluntariar **Q6**: *“Não, nem familiar nem amigo, eu não conhecia ninguém... os projetos vão surgindo e passando de boca em boca, depois eu vou-me inscrevendo mas sempre sozinha, sem ninguém.”*

As suas verdadeiras motivações, prendem-se com o facto de ver no voluntariado, um complemento à licenciatura, em termos de ganhar experiência pessoal e profissional, valorizando desse modo o seu currículo. Por outro lado, também a motivou a possibilidade de através do voluntariado poder aprender a lidar com diferentes pessoas, conhecer novas pessoas e novos ambientes **Q7**: *“... não tinha feito nada para além da Licenciatura, isso fez-me perceber que se calhar devia começar a fazer outras coisas em que pudesse ganhar experiência pessoal e profissional... o facto de querer acrescentar algo ao currículo, também, foi uma motivação... vais trabalhar num ambiente com pessoas e tens de saber lidar, então também me inscrevi nessa vertente... O que me motivou foi, também, a oportunidade de conhecer novas pessoas, novos ambientes.”*

4.1.4. Processo de recrutamento/seleção dos voluntários

Esta dimensão, procura entender todo o processo pelo qual é necessário passar, para se ser voluntário, desde o conhecimento dos projetos nos quais era possível inscrever-se, até ao momento em que se é aceite na Instituição/Projeto.

Após a decisão de fazer voluntariado, a entrevistada teve conhecimento de oportunidades de voluntariado, pela pesquisa na internet e, também, por meio de anúncios nas redes sociais **Q8**: *“Primeiro, foi mesmo por pesquisar na Internet e depois foi de ouvir falar, por vezes até no Facebook vêes qualquer coisa.”*

Relativamente ao processo de recrutamento/seleção, a entrevistada alerta para o facto de o mesmo poder diferir de projeto para projeto de voluntariado. No entanto, normalmente no caso da inscrição nos Projetos Universitários, é preenchido um formulário no qual são indicados os dados pessoais básicos, se já fez ou não voluntariado e a disponibilidade para o fazer, de seguida dependendo do projeto, poderá ser feita ou não uma entrevista **Q8**: *“O sistema de recrutamento/seleção de voluntários depende de projeto para projeto, mas o normal é no início de cada semestre, nos Projetos Universitários, fazerem uma comunicação online na página do Projeto. De seguida, preenches um formulário, no qual dizes a idade, os dados pessoais básicos,*

se já fizeste voluntariado, a tua disponibilidade. Posteriormente, depende para alguns projetos fazem-te uma entrevista, outros não, entras diretamente. Eu nunca fui a uma entrevista.”

Apesar de nunca ter passado por uma entrevista enquanto candidata a voluntária, a entrevistada esclarece que, quando fez parte da Associação Académica de Coimbra, na qual foi criado um Banco de Voluntariado, no processo de recrutamento/seleção ela própria fez entrevistas a potenciais voluntários. Estas entrevistas, tinham como objetivo aprofundar o conhecimento dos candidatos a voluntários, a fim de melhor compreender quais as áreas onde os indivíduos gostariam de trabalhar, as faixas etárias com as quais preferiam trabalhar e se já tinham tido uma experiência anterior de voluntariado **Q8**: *“...fazíamos entrevistas, com questões para saber se já fizeram voluntariado; quais são as faixas etárias com as quais preferem lidar, depois há pessoas que preferem fazer voluntariado na área da sua licenciatura.”*

Terminado todo o processo para se tornar voluntária, quando é aceite a entrevistada diz-se muito feliz e ao mesmo tempo nervosa, já que, vai sempre sozinha para todos os projetos em que participa **Q8**: *“Quando sou aceite eu fico mega feliz, muito nervosa porque eu vou sempre sozinha para todos os projetos... mas depois o espírito voluntário é incrível, tu sentes-te em família...”*

4.1.5. Áreas de voluntariado e tarefas a realizar

São várias as áreas de atuação no voluntariado e a multiplicidade de tarefas a realizar, por isso, nesta dimensão, são exploradas as áreas nas quais a voluntária fez voluntariado, bem como, as tarefas desenvolvidas, o grau de autonomia na sua escolha e a satisfação no desempenho dessas tarefas.

A voluntária entrevistada, conta já com variadas experiências de voluntariado, tendo já passado por várias áreas do voluntariado, a saber **Q9**: *“... crianças, idosos, sem abrigo, reconstrução e reabilitação de casas, cultura, ambiente, toxicodependência.”*

À semelhança do que acontece nas áreas, também ao nível do desenvolvimento de tarefas a entrevistada tem uma extensa lista de atividades que desempenhou, ao longo dos diversos projetos nos quais participou **Q10**: *“No Projeto Faz Mais, íamos a uma instituição a Casa de Infância Doutor Elísio de Moura, uma vez por semana dar explicações às meninas que estavam lá institucionalizadas. Na Missão País, no primeiro ano em 2017, estive com crianças do infantário*

e escola primária, aqui basicamente é fazer o que elas querem que normalmente é desenhar, correr com elas no recreio. Em 2018 também fiz a Missão País em Viseu e estive num lar de idosos e com eles é mais jogar às cartas durante a tarde... No Just a Change em Pedrogão Grande estive a reconstruir e a reabilitar casas. Já dei apoio numa exposição de obras de arte e também estive num grupo de apoio aos sem abrigo no Faz Mais. A nível ambiental, quando estava na Associação Académica de Coimbra, já fiz recolha de lixo e coisas desse género. Atualmente, agora com os idosos no Porto, no Projeto Vou Acompanhar, no primeiro semestre, fiz acompanhamento a idosos estive na parte da sinalização, em que fazíamos o porta a porta e sinalizávamos idosos que estivessem em situação de solidão... vamos lá para que eles possam falar com pessoas diferentes.”

Na hora de saber as tarefas que deve desenvolver, a entrevistada informa que, por vezes, as mesmas já estão definidas pelos responsáveis do Projeto/Instituição, ou, então, têm autonomia para escolher as tarefas que quer fazer **Q11:** *“Varia muito, algumas tarefas temos autonomia para ver o que fazemos, outras já estão definidas.”*

De um modo geral, sente-se satisfeita com as tarefas que fez, pois, ao desenvolvê-las contribuiu para o bem-estar e felicidade das pessoas a quem prestou ajuda **Q12:** *“Eu gosto do que faço, e tenho gostado do que já fui fazendo ao longo do tempo... estás ali para ajudar a pessoa e que a pessoa fica feliz com isso e tu ,ao mesmo tempo, ficas feliz por a pessoa estar feliz.”*

4.1.6. Formação para o voluntariado

Nesta dimensão, pretende-se apurar se durante a sua experiência de voluntariado, a entrevistada teve acesso a formação, se recebeu algum tipo de apoio e se sentiu suficientemente apoiada e segura das tarefas a desempenhar. Por outro lado, importa saber as insuficiências sentidas durante a experiência.

Para desenvolver o seu papel enquanto voluntária, a entrevistada afirma que não teve formação, nem nenhum tipo de apoio para ajudar a pagar os custos subjacentes ao voluntariado, como as despesas com viagens, t-shirts que é necessário usar **Q13:** *“Não nunca tive formação nem nenhum tipo de apoio para ajudar a pagar determinados custos...”* Não obstante, no caso de Instituições maiores, como o Just a Change, onde a entrevistada também foi voluntária, esta suporta os custos dos seus voluntários **Q13:** *“A única associação que me devolveu o dinheiro foi o Just a Change, porque eles tem muitos patrocínios... pagaram-me a duas viagens de autocarro,*

além disso, para fazer voluntariado nesta associação, eu tive também de dar uma entrada de 25/30 euros, mas depois eles devolveram-me o dinheiro todo. Os projetos mais pequenos não pagam.”

A entrevistada, relativamente ao apoio e segurança, sentidos durante a realização das tarefas, confessa que, de um modo geral, sentiu-se sempre apoiada e segura. Refere apenas duas situações pontuais, que abalaram essa segurança, onde sobressai a importância do apoio dos responsáveis do Projeto/Instituição, nos momentos mais difíceis **Q13:** *“Uma vez que não me senti muito segura, foi nessa dos sem abrigo, mas estavam lá pessoas responsáveis que poderiam safar-nos de alguma coisa. Numa outra altura, levaram-nos a um centro de reabilitação em que estavam lá pessoas drogadas... disseram para termos cuidado, porque nos podiam atirar seringas à cara... foi a única vez em que me senti mesmo um pouco preocupada e assustada com a situação. De um modo geral em relação às tarefas a realizar eu senti-me sempre segura do que era necessário fazer.”*

Relativamente às insuficiências, a entrevistada explicou que, para poder fazer voluntariado em determinadas Instituições/Projetos, era-lhe cobrada uma entrada (taxa) de 25 euros, o que, por vezes, gera um sentimento de ter de pagar para poder fazer voluntariado. Embora tenha de pagar esse valor, a verdade é que o mesmo cobre as suas despesas, como alimentação e estadia (caso da Missão País, que implicou a deslocação para uma vila diferente durante uma semana) **Q14:** *“Agora, este ano está mais caro, são 30 euros acho eu, mas depois tu lá não tens despesas nenhuma”*. Posto isto, acresce o facto de esse dinheiro, ter de ser pago com muita antecedência (dois meses antes da participação no Projeto). Futuramente, caso já tivesse confirmada a sua participação e pago os 25 euros, o mesmo não lhe era reembolsado, por isso, dado que tinha de ter certeza da sua disponibilidade para participar com muita antecedência, face à incerteza dessa disponibilidade, a entrevistada viu-se obrigada a desistir de participar **Q14:** *“Eu já me inscrevi em alguns projetos, em que fui selecionada para ir e depois ligavam-me a dizer que tinha até ao dia seguinte para pagar 25 euros, mas dois meses antes do projeto e eu às vezes desisto, porque não tenho a certeza se naquela altura tenho disponibilidade... Se te inscreveres e pagares esse dinheiro, e por algum motivo não puderes ir, eles não te devolvem o dinheiro.”*

4.1.7. Impacto da experiência de voluntariado

Nesta última dimensão, são analisadas as consequências do voluntariado na vida da entrevistada tendo em conta as suas expectativas, desmotivações e benefícios que advêm da prática de voluntariado.

A entrevistada, confirma que tem gostado da experiência de voluntariado, tendo esta corrido de acordo com as suas expectativas. Ao longo da entrevista, realça a satisfação que sente ao contribuir para o bem-estar e felicidade dos menos afortunados **Q15:** *“sinto-me muito feliz em saber que estou a ajudar alguém”*; **Q17:** *“... sinto-me bem por saber que estou a ajudar os outros e tenho a oportunidade de conhecer novas pessoas, as suas histórias de vida.”* Contando já com variadas experiências de voluntariado, em diversos projetos, o entusiasmo com que o encara e vive, não passa despercebido, uma vez que, lamenta não poder participar, ainda, em mais atividades de voluntariado pela falta de tempo **Q15:** *“Sim, às vezes até gostava de participar em mais coisas, mas não tenho tempo”*. A única coisa que a desmotiva, é, como já explicado anteriormente, o facto de ter de dizer a sua disponibilidade muito cedo e ter de pagar 25 euros, para participar no projeto, não havendo o reembolso no caso de não poder comparecer **Q16:** *“É só mesmo essa questão da antecedência, ter de dizer a minha disponibilidade muito cedo em determinados projetos... ter de pagar os 25 euros com antecedência... mesmo que vás ou não eles nunca te devolvem o dinheiro.”*

Tendo em conta que o voluntariado produz benefícios tanto para quem o recebe como para quem o pratica, desta entrevista resultaram alguns benefícios identificados pela entrevistada, desde o aperfeiçoamento de competências técnicas e pessoais, maior capacidade de lidar com diferentes pessoas, maior consciência ambiental, valorização do currículo **Q18:** *“Sim, o aperfeiçoamento de competências técnicas e pessoais... esta experiência contribui para que eu melhorasse a minha capacidade de lidar com diferentes pessoas... Ganhei uma maior consciência ambiental... nas entrevistas de emprego a prática de voluntariado está no meu currículo e perguntam-me muitas coisas sobre o voluntariado... sinto que a prática de voluntariado beneficiou o meu currículo.”* A nível pessoal, uma vez mais, é salientada a sensação de bem-estar, pelo bem fazer **Q18:** *“Em termos pessoais, é como te disse eu sinto-me bem e feliz, por saber que estou a ajudar alguém e que estou a contribuir para uma boa causa.”*

A prática de voluntariado veio, também, estimular na entrevistada uma maior consciência social para os problemas que afetam o mundo, pois, o facto de ter convivido com pessoas em

situações difíceis de grande vulnerabilidade, tornou-a mais sensível, consciente e atenta aos mesmos **Q19:** *“Quando passo por sem abrigos... Passo, reparo e fico mais sensibilizada... é uma questão de agora parar para pensar, olhar à tua volta e ver tudo o que te rodeia com mais atenção.”*

Por último, importa referir que, é bastante notório o impacto positivo do voluntariado e o papel importante que este ocupa na sua vida, dado que, garante continuar com a prática, apesar das mudanças no campo profissional que poderão constituir alguns entraves que, por sua vez, são encarados com bastante otimismo **Q20:** *“Claro que sim, agora com esta questão de eu arranjar estágio, para o próximo ano letivo, já vai ser mais complicado... mas de certeza que vai haver alguma associação que seja mais compatível com o meu horário de trabalho.”*

V. Análise Quantitativa – Resultados da Investigação

Esta parte da investigação, conta com dois grandes momentos: Descrição Geral dos Dados e Análise dos Resultados. Inicialmente, preceder-se-á à descrição geral dos dados, com base na informação recolhida, através do questionário, junto dos estudantes do Ensino Secundário e os estudantes do Ensino Superior. Futuramente, iremos analisar os resultados, de modo a cumprir com o objetivo primordial da presente investigação: compreender se existem ou não diferenças entre as motivações dos estudantes do Ensino Secundário e do Ensino Superior.

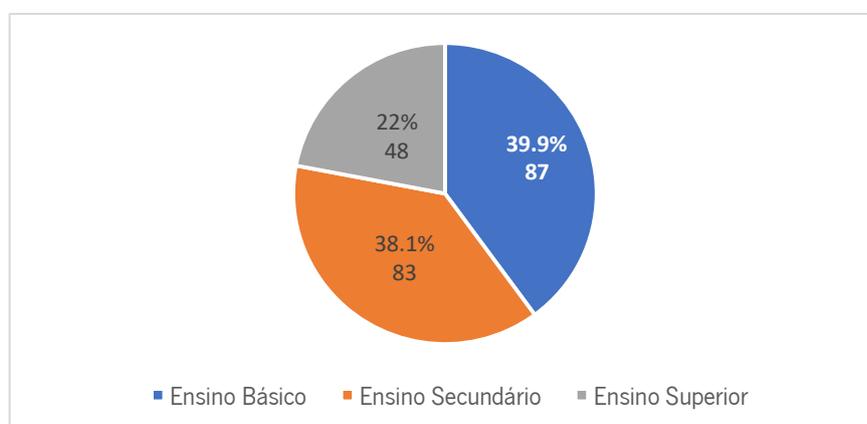
5.1. Descrição Geral dos Dados

A primeira parte do questionário, além de ser composta por algumas questões que permitiram caracterizar a amostra, como foi feito anteriormente, compreende outras questões, com as quais se pretendia obter informação sobre tudo aquilo que a experiência de voluntariado envolve, nomeadamente: início da prática de voluntariado; grau de ensino em que os alunos já fizeram voluntariado; a frequência, bem como horas dedicadas ao voluntariado; nível de voluntariado; áreas em que realizaram voluntariado; tarefas realizadas, a formação para o voluntariado, as motivações, as razões para o abandono da prática e os benefícios obtidos com o voluntariado.

5.1.1. Início do voluntariado

No que concerne ao início do voluntariado, verificou-se que em 220 alunos 2 não responderam, 39.9% referiram ter iniciado no Ensino Básico, 38.1% no Ensino Secundário e apenas 22% iniciaram no Ensino Superior.

Gráfico 7 – Grau de ensino em que os alunos iniciaram o voluntariado



Fonte: elaboração própria

5.1.2. Graus de ensino em que os alunos fizeram voluntariado

Em relação aos graus de ensino em que os alunos fizeram voluntariado, 4 alunos não responderam a esta questão, 13.9% indicaram ter feito voluntariado apenas no Ensino Básico, 25.5% no Ensino Secundário e, por último, 22.2% no Ensino Superior. Contudo, outros alunos fizeram voluntariado em mais que um grau de ensino: 0.5% alunos fizeram voluntariado no Ensino Básico e no Ensino Superior; 11.6% no Ensino Secundário e no Ensino Superior; 7.9% nos três graus de ensino e, por fim, 18.5% no Ensino Básico e no Ensino Superior, como se pode verificar na Tabela 1.

Tabela 1 – Graus de ensino em que os alunos fizeram voluntariado

	N	%
Ensino Básico	30	13.9
Ensino Secundário	55	25.5
Ensino Superior	48	22.2
Ensino Básico, Ensino Superior	1	0.5
Ensino Secundário, Ensino Superior	25	11.6
Ensino Básico, Ensino Secundário, Ensino Superior	17	7.9
Ensino Básico, Ensino Secundário	40	18.5

Fonte: elaboração própria

5.1.3. Frequência e horas dedicadas ao voluntariado

Ao nível da frequência do voluntariado no total dos 220 alunos, 20 não responderam a esta questão, enquanto que os restantes alunos indicaram fazer voluntariado semanalmente, mensalmente ou anualmente. Assim, encontramos 44% dos alunos que alegaram fazer voluntariado uma vez por semana; 10.5% duas vezes por semana; 17.5% mais de duas vezes por semana; 7.5% uma a duas vezes por mês; 7.5% uma a duas vezes por ano; 1.5% três a quatro vezes por ano e, por fim, apenas 0.5% mais de quatro vezes por ano. Além disto, importa referir que, 11% dos alunos apesar de terem respondido a esta questão, a partir da sua resposta não foi possível quantificar a frequência de voluntariado, uma vez que, muitos responderam apenas que não sabiam ou que dependia do projeto no qual participavam. Deste modo, as respostas destes alunos, foram classificadas como outra opção, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Frequência da prática de voluntariado

	N	%
1 vez por semana	88	44
2 vezes por semana	21	10.5
Mais de 2 vezes por semana	35	17.5
1 a 2 vezes por mês	15	7.5
1 a 2 vezes por ano	15	7.5
3 a 4 vezes por ano	3	1.5
Mais de 4 vezes por ano	1	0.5
Outra opção	22	11

Fonte: elaboração própria

No que respeita às horas dedicadas ao voluntariado, à semelhança do que acontece na frequência do voluntariado, em 220 alunos 20 não responderam. Tendo em consideração todos os alunos que responderam, a maior parte 48% afirmou dedicar duas a quatro horas por semana ao voluntariado; 18.5% quatro a seis horas por semana; 8% seis a oito horas por semana; 10% mais de oito horas por semana; 2% uma hora por semana; 2.5% duas a quatro horas por mês; 0.5% quatro a seis hora por mês; 0.5% seis a oito horas por mês; 0.5% mais de oito horas por mês e, por fim, 2.5% alunos uma a duas horas por ano. Mais uma vez, 7% alunos apesar de terem respondido a esta questão, a partir da sua resposta não foi possível quantificar o número de horas dedicadas ao voluntariado, dado que, eles responderam que não sabiam ou que dependia do projeto em que participavam. Também as respostas destes alunos, foram classificadas como outra opção, como de pode verificar na Tabela 3.

Tabela 3 – Horas dedicadas ao voluntariado

	N	%
1 hora por semana	4	2
2 a 4 horas por semana	96	48
4 a 6 horas por semana	37	18.5
6 a 8 horas por semana	16	8

Mais de oito horas por semana	20	10
2 a 4 horas por mês	5	2.5
4 a 6 horas por mês	1	0.5
6 a 8 horas por mês	1	0.5
Mais de 8 horas por mês	1	0.5
1 a 2 horas por ano	5	2.5
Outra opção	14	7

Fonte: elaboração própria

5.1.4. Nível da prática do voluntariado

De acordo com a Tabela 4, é possível verificar que relativamente à questão do nível da prática do voluntariado, em 220 alunos 4 não responderam. É possível observar, ainda, que uma parte substancial dos alunos 64.7% fez voluntariado apenas a nível regional, 13.4% a nível nacional e 3.2% alunos a nível internacional. Seguem-se 17.6% alunos que já fizeram voluntariado a mais que um nível, como se pode verificar na Tabela 4.

Tabela 4 – Nível da prática de voluntariado

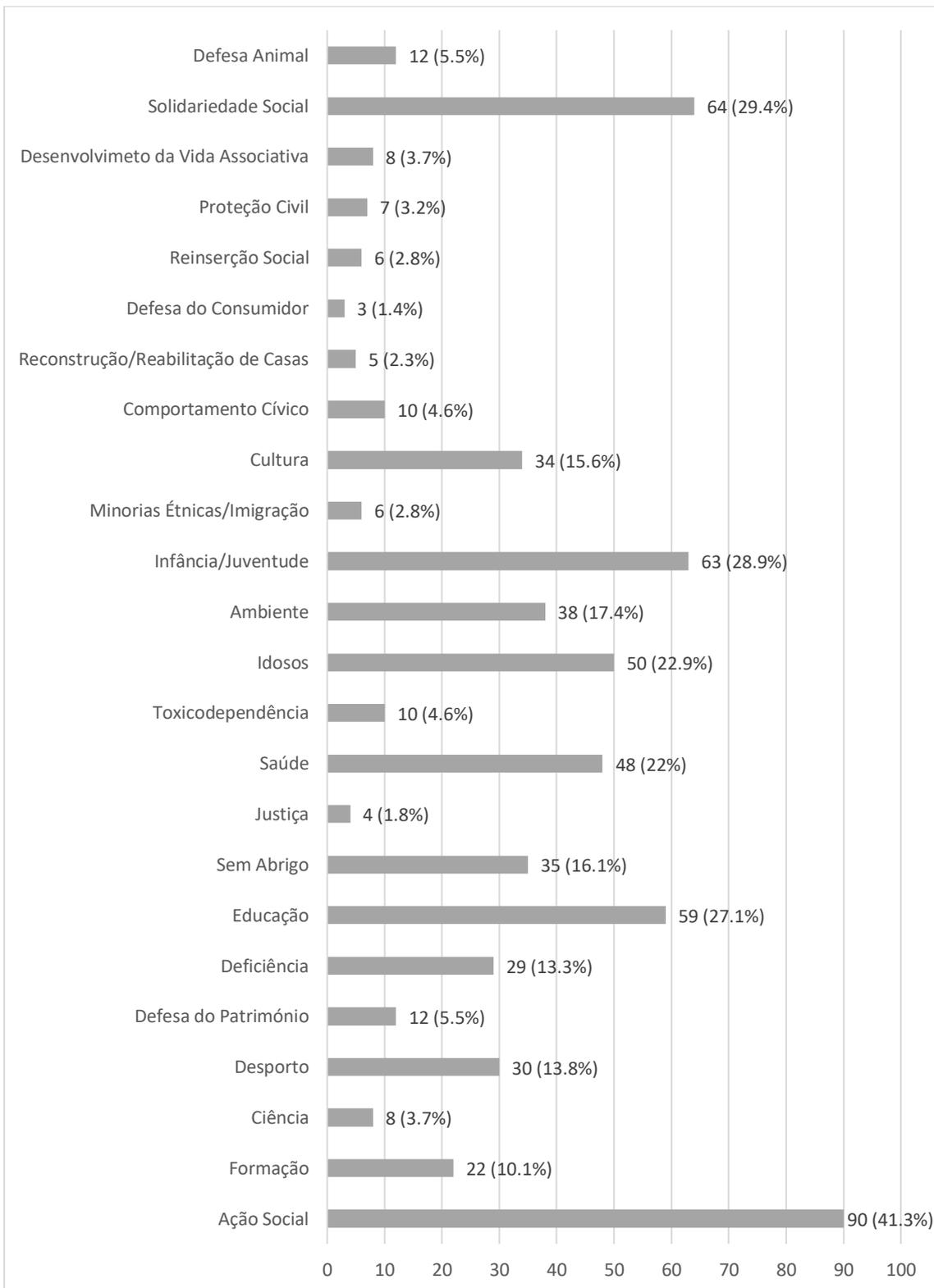
	N	%
Regional	142	64.7
Nacional	29	13.4
Internacional	7	3.2
Regional, Nacional	21	9.7
Regional, Nacional, Internacional	12	5.6
Regional, Internacional	3	1.4
Nacional, Internacional	2	0.9

Fonte: elaboração própria

5.1.5. Áreas em que o voluntariado foi realizado

Como se pode verificar no Gráfico 8, as áreas onde há um maior número de alunos a fazer voluntariado são: a ação social (41.3%); solidariedade social (29.4%), infância/juventude (28.9%), educação (27.1%) e, por fim, idosos (22.9%).

Gráfico 8 – Áreas do voluntariado

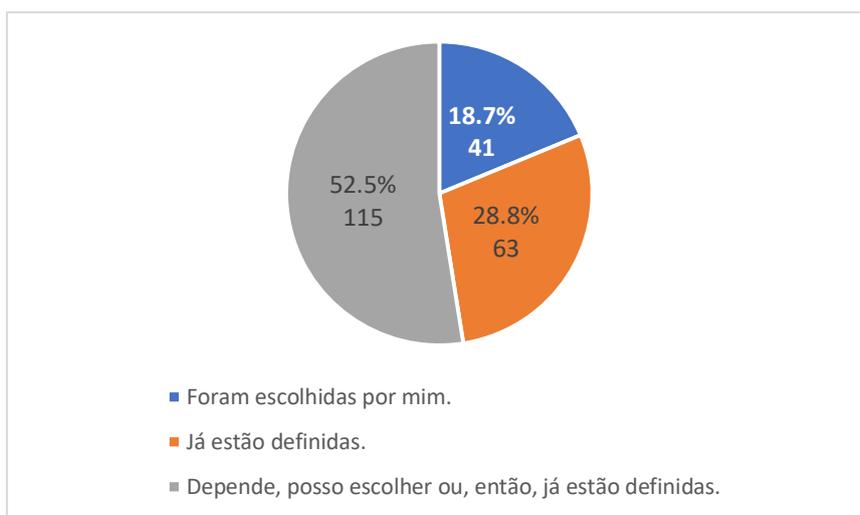


Fonte: elaboração própria

5.1.6. Realização de tarefas durante o voluntariado

Na hora da escolha das tarefas a realizar no voluntariado, em 220 alunos 1 não respondeu à questão. Dos restantes alunos, 52.5% referem que umas vezes as tarefas já estão definidas e é só executar, outras vezes têm alguma autonomia para decidir que tarefas fazer. Em contrapartida, apenas 18.7% tem autonomia para decidir que tarefas fazer e 28.8% referem que as tarefas já estão definidas e eles só tem de executar.

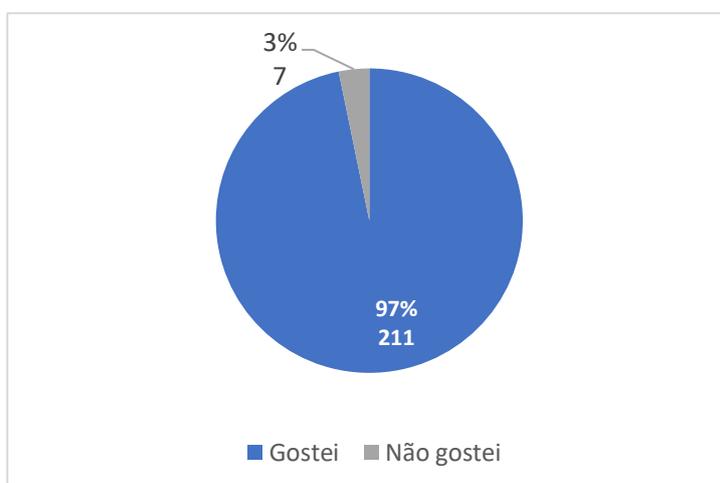
Gráfico 9 – Escolha das tarefas a realizar durante o voluntariado



Fonte: elaboração própria

Ao nível da satisfação das tarefas, em 220 alunos 2 não responderam, mas a maioria 97% afirma ter gostado das tarefas que realizaram, em contraste com apenas 3% alunos que não gostaram das tarefas realizadas.

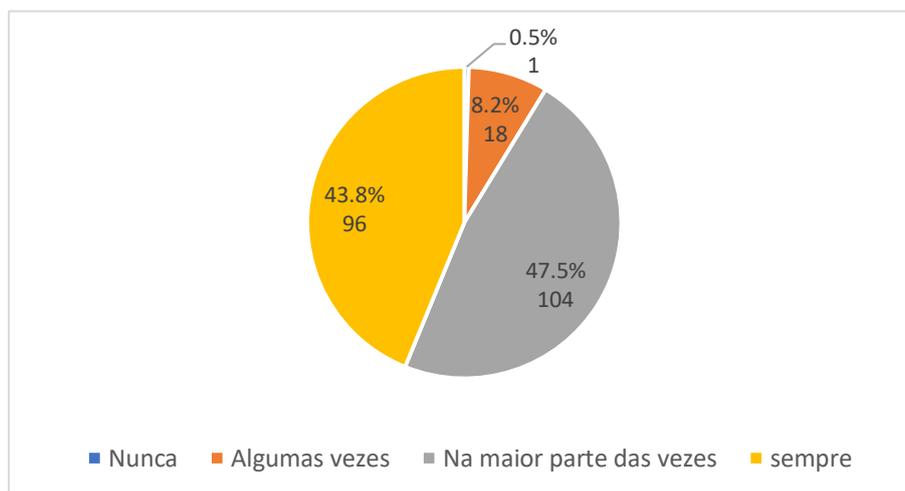
Gráfico 10 – Satisfação das tarefas realizadas no voluntariado



Fonte: elaboração própria

Durante a realização das tarefas, no total de 220 alunos 1 não respondeu; 47.5% na maior parte das vezes sentiram-se seguros; 43.8% sempre seguros; 8.2% sentiram-se seguros algumas vezes e apenas 0.5% que nunca se sentiu seguro.

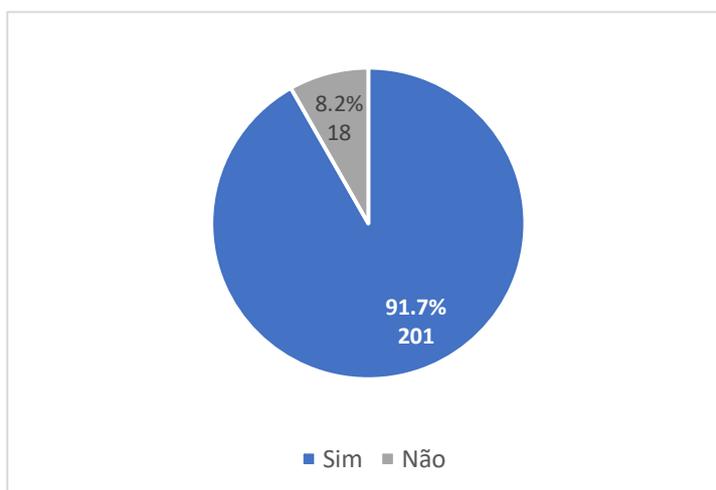
Gráfico 11 – Nível de segurança durante a realização das tarefas



Fonte: elaboração própria

No que toca ao apoio recebido por parte dos responsáveis do Projeto/Instituição, no total de 220 alunos, 1 aluno não respondeu à questão, 91.7% consideraram ter sido suficiente, ao passo que, 8.2% dos alunos sentiram que o apoio recebido não foi suficiente.

Gráfico 12 – Suficiência do apoio prestado pelos responsáveis do Projeto/Instituição

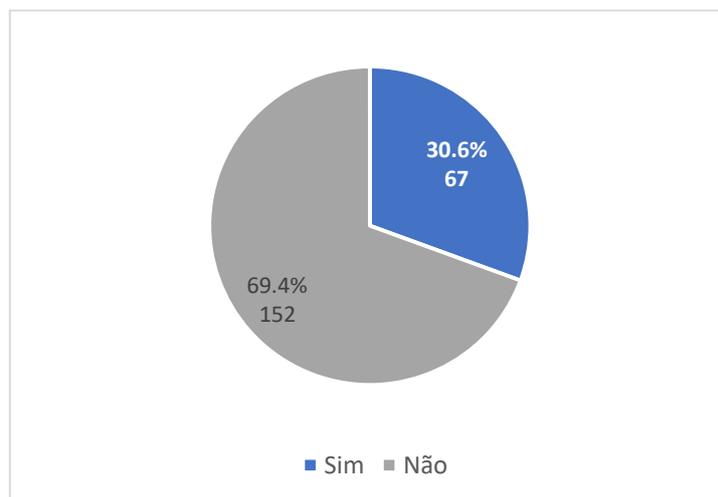


Fonte: elaboração própria

5.1.7. Formação para o voluntariado

De acordo com os dados do Gráfico 13, em 220 alunos, 1 não respondeu a esta questão e os restantes, a maioria 69.4% não teve formação para o voluntariado, tendo somente 30.6% dos alunos formação para o voluntariado.

Gráfico 13 – Formação para o voluntariado



Fonte: elaboração própria

5.1.8. Motivações para a prática de voluntariado

As motivações para a prática do voluntariado, inserem-se na segunda parte do questionário, que engloba um conjunto de 33 afirmações, que dizem respeito a possíveis motivações para iniciar a prática de voluntariado. A fim de conhecer o grau de conformidade dos alunos, em relação a cada uma das motivações apresentadas, foi utilizada a Escala de Likert de nível 5.

De acordo com os resultados obtidos, antes de mais, verificou-se que houve alunos que, nesta parte do questionário, não responderam a todas as motivações. Em média, em cada uma das 33 motivações, 1 a 2 alunos não responderam.

É possível aferir que as principais motivações que levaram os alunos a iniciar a prática de voluntariado foram: a obtenção de novas competências importantes para o seu futuro; viver novas experiências com o voluntariado; sentir que é importante ajudar os outros; contribuir para levar esperança aos menos favorecidos; aprender a lidar com diferentes pessoas; poder ajudar a comunidade; valorização do currículo; fazer novos amigos; sentir-se útil; compaixão das pessoas

carentes; crescimento pessoal e humano; ao fazer voluntariado contribuir para uma causa pessoal importante; ganhar uma nova perspectiva das coisas.

Em relação à obtenção de novas competências importantes para o futuro, 116 (53%) alunos concordaram totalmente com este motivo para o voluntariado, 54 (24.7%) concordaram, 10 (4.6%) discordaram totalmente e outros 10 (4.6%) discordaram. Houve ainda 29 (13.2%) alunos, que perante a oportunidade que o voluntariado oferece de obter novas competências importantes para o futuro, sentiram que essa possibilidade lhes foi indiferente na hora de iniciar o voluntariado.

No que respeita à vivência de novas experiências no voluntariado, 148 (67.3%) alunos concordou totalmente com esta motivação, 46 (20.9%) concordaram, 4 (1.8%) discordaram totalmente e 1 (0.5%) discordou. Um grupo de 21 (9.5%) alunos revelou-se indiferente face a esta eventual motivação.

Relativamente à importância de ajudar os outros, grande parte dos alunos 171 (78.4%) concordou totalmente com a afirmação, 31 (14.2%) concordou, 2 (0.9%) discordaram totalmente e 1 (0.5%) discordou. Apenas 13 (6%) alunos, sentiram que essa motivação lhes foi indiferente.

Quanto à vontade de levar esperança aos menos favorecidos, 131 (59.8%) alunos concordaram totalmente com a motivação, 47 (21.5%) concordaram, 3 (1.4%) discordaram totalmente e 7 (3.2%) discordaram. Por outro lado, 31 (14.2%) alunos sentiram que isso lhes foi indiferente para iniciar o voluntariado.

No que toca à possibilidade de aprender a lidar com diferentes pessoas, 142 (64.5%) alunos concordaram totalmente, 48 (21.8%) concordaram, 3 (1.4%) discordaram totalmente e 5 (2.3%) discordaram. Existem ainda 22 (10%) alunos, que este motivo para o voluntariado lhes foi indiferente.

No que concerne à vontade de ajudar a comunidade, 151 (68.9%) alunos concordaram totalmente com esta motivação, 48 (21.9%) concordaram, 2 (0.9%) discordaram totalmente e 4 (1,8%) discordaram. Verificou-se também que 14 (6.4%) alunos sentiram que este motivo lhes foi indiferente.

Tendo em consideração o contributo do voluntariado na valorização do currículo, 102 (46.4%) alunos concordaram totalmente com este motivo para dar início ao voluntariado, 62

(28,2%) concordaram, 11 (5%) discordaram totalmente, 8 (3.6%) discordaram e 37 (16.8%) mostraram indiferença face a esta motivação.

Sobre a oportunidade de fazer novos amigos com o voluntariado, 110 (50.2%) alunos concordaram totalmente com este motivo, 69 (31.5%) concordaram, 6 (2.7%) discordaram totalmente, 9 (4.1%) discordaram e 25 (11.4%) alunos revelaram indiferença perante este motivo.

Tendo em conta o facto de o voluntariado permitir aos indivíduos que o praticam sentirem-se úteis, uma maioria de 130 (59.1%) alunos concordaram totalmente com este motivo, 50 (22.7%) concordaram, 6 (2.7%) discordaram totalmente, 6 (2.7%) discordaram e 28 (12.7%) demonstraram indiferença, face a este possível motivo de iniciação ao voluntariado.

Ao nível do motivo da compaixão das pessoas carentes, os resultados mostram que 87 (40.1%) alunos concordaram totalmente com a afirmação, 71 (32.7%) concordaram, 6 (2.8%) discordaram totalmente, 10 (4.6%) discordaram e 43 (19.8%) sentiram que esse motivo lhes foi indiferente, para começarem a fazer voluntariado.

Relativamente ao crescimento pessoal e humano como motivo de fazer voluntariado, 143 (65.9%) alunos concordaram totalmente, 48 (22.1%) concordaram, 4 (1.8%) discordaram totalmente, 4 (1.8%) discordaram e 18 (8.3%) foi-lhes indiferente.

Mediante a possibilidade de no voluntariado, os indivíduos poderem fazer algo por uma causa importante para eles, 124 (56.6%) alunos concordaram totalmente com este motivo, 59 (26.9%) concordaram, 5 (2.3%) discordaram totalmente, 6 (2.7%) concordaram e 25 (11.4%) mostraram indiferença perante este motivo.

Por último, em referência à vontade de ter uma nova perspetiva das coisas através do voluntariado, 115 (52.5%) concordaram totalmente com este motivo, 72 (32.9%) concordaram, 3 (1.4%) discordaram totalmente, 4 (1.8%) discordaram e 25 (11.4%) reagiram com indiferença a esta motivação.

5.1.9. Razões para o abandono do voluntariado

As razões para o abandono do voluntariado, correspondem à terceira parte do questionário, que é constituído por um conjunto de afirmações, que dizem respeito às razões pelas quais os alunos podem ter deixado de fazer voluntariado, como podemos verificar na Tabela 5. Por conseguinte, os alunos deveriam seleccionar as afirmações, que representam o motivo de ter

deixado de fazer voluntariado. A Parte III, destinava-se apenas aos alunos que atualmente não fazem voluntariado, pelo que, os 65 alunos que atualmente ainda fazem voluntariado, ficaram dispensados de responder.

Deste modo, é necessário ter em atenção que dos 82 alunos que não responderam a este grupo do questionário, uma parte não respondeu porque atualmente fazem voluntariado e estavam dispensados de responder, enquanto que a outra parte embora já não façam voluntariado atualmente, não quiseram responder. Assim, tendo em conta que no estudo participaram 220 alunos, dos quais só 65 fazem atualmente voluntariado e que 82 alunos não responderam a este grupo do questionário, estima-se que aproximadamente 16 alunos que já não fazem voluntariado atualmente, deveriam ter respondido a este grupo e não responderam.

Atendendo à informação da Tabela 5, o principal motivo indicado por 71.7% dos alunos para o abandono do voluntariado foi a falta de tempo, que se traduz na dificuldade em conciliar as suas atividades com as do voluntariado. Seguidamente, 13.8% dos alunos apontaram como segundo motivo a falta de apoio e acompanhamento no desenvolvimento das tarefas a realizar, por parte dos responsáveis do Projeto/Instituição. Outros motivos elegidos pelos alunos, prendem-se com a falta de reconhecimento do trabalho desenvolvido, quer pelas pessoas a quem prestam apoio, quer pelos responsáveis do Projeto/Instituição (12.3%); a não obtenção dos contactos pretendidos para o seu negócio ou carreira (11.6%); o facto de em alguns casos, terem de dizer com muita antecedência se vão estar disponíveis numa determinada altura, e ainda em certos casos terem de também de pagar com antecedência uma “taxa” para poderem fazer voluntariado (10.9%); o facto de terem de assumir os custos que o voluntariado implica, como por exemplo as deslocações; por vezes t-shirts que representam o Projeto/Instituição e que é necessário usar, entre outros tipos de custos (10.1%); a falta de formação ou a formação que tiveram revelou-se insuficiente (10.1%); falta de experiências novas e enriquecedoras (9.4%) e falta de autonomia para decidir, por vezes, que tarefas fazer (8.7%).

Tabela 5 – Razões para o abandono do voluntariado

	N	%
Não obtenção de contactos pretendidos para o meu negócio ou carreira.	16	11.6
Não obtenção de competências importantes para a empregabilidade.	4	2.9

Falta de experiências novas e enriquecedoras.	13	9.4
Perdi a minha fé e não fazia sentido continuar com a prática de voluntariado.	6	4.3
Não gostei da experiência de voluntariado e, por isso, desisti.	5	3.6
Falta de tempo, sentindo dificuldade em conciliar as minhas atividades com as de voluntariado.	99	71.7
Pagamento de uma taxa para poder fazer voluntariado.	4	2.9
O facto de ter de assumir os custos que o voluntariado implica.	14	10.1
Confirmação antecipada da participação no projeto e pagamento de uma taxa para poder fazer voluntariado.	15	10.9
Falta de reconhecimento do trabalho desenvolvido, quer pelas pessoas a quem prestava apoio, quer pelos responsáveis do projeto/instituição.	17	12.3
Falta de apoio e acompanhamento no desenvolvimento das tarefas a realizar, por parte dos responsáveis do projeto/instituição.	19	13.8
Falta de formação para o voluntariado, ou a formação a que tive acesso revelou-se insuficiente.	14	10.1
Não gostei das tarefas que realizei, preferia ter desenvolvido outros tipos de tarefas.	8	5.6
Falta de autonomia para decidir, por vezes, que tarefas fazer.	12	8.7
Algo correu mal durante a prática de voluntariado que me desmotivou e, por isso, desisti.	9	6.5
Duração limitada do voluntariado (era durante um determinado tempo e simplesmente a minha participação no projeto terminou).	8	5.8
Mudança de país.	3	2.2
Decisão pessoal.	1	0.7

Fonte: elaboração própria

5.1.10. Benefícios do voluntariado

A última parte do questionário, é constituída por um conjunto de 20 afirmações, que dizem respeito aos benefícios que normalmente advém da prática de voluntariado. Para o efeito, foi

utilizada, à semelhança das motivações para a prática de voluntariado, a Escala de Likert de nível 5.

Nesta parte do questionário, importa referir que houve alunos que não responderam a todos os benefícios. Estima-se que, em cada um dos 20 benefícios, em média 9 alunos não responderam.

De um modo geral, grande parte dos alunos consideraram o voluntariado como uma experiência gratificante, com 131 (61.8%) alunos a concordar totalmente com a afirmação, 49 (23.1%) alunos a concordar, 1 (0.5%) a discordar totalmente e dois a discordar (1.4%). Apenas 3 (13.2%) alunos, sentiram que a experiência de voluntariado lhes foi indiferente.

De igual modo, o contributo do voluntariado para o crescimento pessoal e humano dos indivíduos, foi outro benefício destacado pelos alunos, com 129 (60.8%) alunos a concordarem totalmente, 49 (23.1%) a concordarem, 1 (0.5%) a discordar totalmente e 2 (2.4%) a discordarem. Porém, 3 (13.2%) alunos consideraram que o voluntariado lhes foi indiferente nesse aspeto.

O facto de o voluntariado permitir fazer novos amigos, também foi um forte benefício sentido pelos alunos, com 74 (34.9%) a concordarem totalmente, 60 (28.3%) a concordarem, 18 (8.5%) a discordarem totalmente e 14 (6.6%) a discordarem. Contudo, 46 (21.7%) alunos consideraram o benefício de fazer novos amigos indiferente.

Em relação ao benefício de o voluntariado contribuir para ocupar os tempos livres com boas causas, 93 (44.1%) alunos concordaram totalmente, 67 (31.8%) concordaram, 5 (2.4%) discordaram totalmente e 5 (2.4%) discordaram. Importa referir que, 41 (19.4%) alunos revelaram que este tipo de benefício lhes foi indiferente.

No que diz respeito, à possibilidade que o voluntariado oferece aos seus praticantes de contribuir para a melhoria das suas competências, bem como, a aquisição de novas experiências importantes para a empregabilidade, 78 (37.3%) alunos concordaram totalmente, 57 (27.3%) concordaram, 18 (8.6%) discordaram totalmente e 9 (4.3%) discordaram. Ao passo que, 47 (22.5%) alunos sentiram que esse benefício que o voluntariado proporciona lhes foi indiferente.

De acordo com os dados obtidos, o benefício de aprender a lidar com uma grande variedade de pessoas, também, teve grande destaque por parte dos alunos, com 88 (41.7%) alunos a concordarem totalmente, 63 (29.9%) a concordarem, 9 (4.3%) a discordarem totalmente

e 7 (3.3%) a discordarem. Um grupo de 44 (20.9%) alunos, revelou que esse benefício lhes foi indiferente.

A finalizar, ver o mundo de uma maneira diferente, passando a ter uma maior consciência dos problemas sociais que afetam o mundo, foi igualmente um benefício importante para os alunos, com 84 (39.8%) a concordarem totalmente, 58 (27.5%) a concordarem, 9 (4.3%) a discordarem totalmente e 9 (4.3%) a discordarem. Por outro lado, mais uma vez, existe um grupo de 51 alunos que esse benefício lhe foi indiferente.

Por último, a melhoria da capacidade de escutar as dores dos outros e de se colocar no lugar dos outros, foi mais um benefício importante para os alunos, decorrente da experiência de voluntariado, com 92 (43.6%) alunos a concordarem totalmente, 46 (21.8%) a concordarem, 10 (4.7%) a discordarem totalmente e 15 (7.1%) a discordarem. Todavia, 48 (22.7%) alunos, nesta vertente, o voluntariado foi-lhes indiferente.

5.2. Análise dos Resultados

Nesta secção, vamos proceder a uma análise das diferenças estatisticamente significativas, para as variáveis medidas segundo a escala de likert entre os que atualmente praticam voluntariado e os que já não praticam, o sexo feminino e masculino, bem como, os alunos do Ensino Secundário e Ensino Superior.

Inicialmente, efetuámos testes sobre as características das variáveis, nomeadamente o teste de Normalidade, segundo Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk para um erro de 0.05. Para todas as variáveis o pi-value revelou-se inferior a 0.05, pondo em causa a distribuição normal das variáveis. Pusemos em alternativa, a hipótese de realização de testes às diferenças não paramétricas de Mann-Whitney ou, ainda assim, de efetuarmos os testes paramétricos mais robustos às diferenças para amostras independentes de T-Student. Por isso, efetuámos ainda testes alternativos de Schumaker e Lomax, para os valores de assimetria ($|Sk|$) e de Curtose ($|Ku|$) e observamos que, para a grande maioria das variáveis estas medidas situam-se abaixo de 2, o que nos dá confiança que a não distribuição normal das variáveis, não porá em causa a sua análise através do T-student, embora devemos acautelar este facto na sua análise.

Excetuamos a análise por este método, para as seguintes variáveis: satisfação pelas tarefas; apoio suficiente dos responsáveis do projeto; ser uma experiência gratificante; ajudar a

comunidade; crescimento pessoal e humano; ganhar nova percepção das coisas. Nestas variáveis as assimetrias e curtoses apresentam valores superiores a 2, para estes casos optámos por um teste não paramétrico de Mann-Whitney.

Efetuámos ainda o teste de Levene para detetar a homogeneidade das variâncias. Para as variáveis que apresentam heterogeneidade de variância, o programa SPSS efetua uma correção aos valores do teste, permitindo avançar com o teste paramétrico às diferenças estatisticamente significativas com um nível de confiança de 95%.

5.2.1. Diferenças de percepção entre os que praticam voluntariado e os que já não praticam

Os indivíduos que atualmente ainda praticam voluntariado, são mais sensíveis à pertença de grupos do que os que já não praticam voluntariado e têm maiores preocupações com o grupo que apoiam. Também, dão maior importância em ajudar os outros e levar a esperança aos desfavorecidos. Em geral, gostam mais de ajudar a comunidade do que os que já não praticam voluntariado. Há nestas pessoas que praticam atualmente voluntariado, um maior sentimento de serem úteis e mais sensíveis às injustiças sociais.

Num outro aspeto, vêm na prática de voluntariado uma oportunidade de fazer novos amigos e talvez por esta razão, consideram que o tempo de voluntariado é de descontração e de melhor ocupação dos tempos livres.

Também, os distinguem dos que já não praticam voluntariado, pelo facto de considerarem que o voluntariado lhes dá competências para o futuro e melhoram as suas competências para efeitos de empregabilidade.

Os respondentes ao inquérito e que praticam atualmente voluntariado parecem ter maior consciência para os problemas sociais. (Ver Tabela 6 que revela as variáveis com diferenças estatisticamente significativas para um nível de confiança de 95% entre o grupo dos que praticam voluntariado e os que já não praticam):

Tabela 6 – Diferenças estatisticamente significativas com grau de confiança de 95% entre os que praticam atualmente voluntariado e os que já não praticam

Questão nº	Variáveis	Praticam atualmente voluntariado		Já não praticam atualmente voluntariado		df	Teste de Levene		T-Student	P value	
		Média	DP	Média	DP		F	pL			t
Motivações para o voluntariado	4	Pertença a grupos de incentivo ao voluntariado	3.15	1.8	2.43	1.57	105.7	10.3	0.002	2.79	0.006
	8	Preocupação com o grupo a apoiar	4.14	1.04	3.71	1.35	154.3	5.5	0.002	2.51	0.01
	13	Obter competências importantes para o futuro	4.43	0.9	4.03	1.2	160.4	4.3	0.04	2.73	0.007
	15	Importância de ajudar os outros	4.80	0.54	4.58	0.91	193.6	10.2	0.002	2.25	0.03
	16	Levar esperança aos desfavorecidos	4.55	0.85	4.23	1.02	142.8	4.5	0.03	2.4	0.02
	17	Lidar com diferentes pessoas	4.63	0.78	4.38	0.89	136.7	4.4	0.04	2.05	0.04
	20	Fazer novos amigos	4.77	0.58	4.44	0.9	217	0.01	0.9	2.02	0.05
	21	Sentimento de ser útil	4.63	0.68	4.19	1.07	184.4	12.3	0.01	3.63	<0.001
	22	Reduzir injustiças sociais	4.0	1.15	3.66	1.12	217	0.03	0.9	2.02	0.04
	23	Compaixão com as pessoas carentes	4.22	0.91	3.09	1.67	217	3.4	0.07	2.15	0.03
	28	É uma causa importante para mim	4.58	0.68	4.19	1.07	183.4	9.3	0.07	3.28	0.001
	29	Momento de descontracção	4.08	1.1	3.71	1.1	217	1.1	0.3	2.38	0.02
	4	Fazer novos amigos	4.03	1.39	3.42	1.39	217	0.43	0.5	2.98	0.003
	5	Ocupar os tempos livres	4.26	1.12	3.26	1.28	217	0.79	0.4	2.48	0.02

Benefícios do voluntariado	7	Obtenção de competências de empregabilidade	4.02	1.41	3.44	1.45	217	0.82	0.4	2.73	0.007
	17	Lidar com a variedade de pessoas	4.17	1.25	3.71	1.33	217	0.86	0.4	2.39	0.02
	18	Resolução de problemas pessoais	3.6	1.46	2.94	1.42	217	0.97	0.3	3.12	0.002
	19	Maior consciência para os problemas sociais	4.14	1.27	3.62	1.32	217	1.19	0.3	2.66	0.008

Fonte: elaboração própria

Para as variáveis que não obedeceram aos critérios de normalidade, procedemos ao teste U não paramétrico de Mann-Whitney às ordens em que se colocam os respondentes nas variáveis consideradas. Os resultados mostram diferenças entre os que praticam voluntariado e os que já não praticam nas seguintes variáveis:

(As variáveis encontram-se numeradas, para facilitar a sua localização no questionário, o mesmo sucede nas próximas análises, para o caso das diferenças entre sexos e graus de ensino)

Motivação para o voluntariado

18. Ajudar a comunidade: $U = 3953.5$; $p = 0.008$; Posto médio do sim = 126.18 > Posto médio do não = 103.17.

Benefício do voluntariado

1. Ser uma experiência gratificante: $U = 4037$; $p = 0.01$; Posto Médio sim = 124.89 > Posto médio não = 103.74.

5.2.2. Diferenças de perceção entre o sexo feminino e o sexo masculino

O sexo feminino, de um modo geral, dá maior importância em ajudar os outros do que o sexo masculino, ao mesmo tempo que, demonstra um maior sentimento de utilidade, por fazer voluntariado e contribuir para ajudar o próximo. De igual modo, parece ter mais compaixão das pessoas carentes do que o sexo masculino, mostrando uma maior preocupação com o grupo que apoiam.

Ao nível das oportunidades que o voluntariado oferece, o sexo feminino valoriza mais a oportunidade de crescimento pessoal, a vivência de novas experiências, a possibilidade de lidar com diferentes pessoas e a obtenção de competências para o seu futuro, do que o sexo masculino. Acresce, ainda, a possibilidade de através do voluntariado ganhar uma nova perspectiva das coisas, mais valorizada pelo sexo feminino de que o sexo masculino.

O sexo feminino também se distingue do sexo masculino, pelo facto de ver no voluntariado um meio de contribuir para uma causa importante para si. Por outro lado, sente que o voluntariado ajuda a esquecer os seus problemas.

Curiosamente, o sexo feminino comparativamente com o sexo masculino, na hora de iniciar o voluntariado, parece ter mais em consideração o fator motivacional tempo. Também, o voluntariado como meio de explorar diferentes opções de carreira, tende a cativar mais o sexo feminino do que o sexo masculino.

Com o voluntariado, o sexo feminino tornou-se mais consciente dos problemas sociais que afetam o mundo, tendo, também, melhorado a sua capacidade de se colocar no lugar dos outros e escutá-los, face ao sexo masculino. Por outro lado, com a passagem por esta experiência, tende a sentir-se mais bem preparado para resolver os seus próprios problemas, do que o sexo masculino.

No sexo feminino o voluntariado, em relação ao sexo masculino, parece ter maior impacto, já que, o sexo feminino, valoriza mais o voluntariado como uma experiência gratificante nas suas vidas, que contribuiu para um maior crescimento pessoal e humano.

Por último, para o sexo feminino, o voluntariado foi uma melhor forma de ocupação dos tempos livres, do que para o sexo masculino. (Ver Tabela 7 que revela as variáveis com diferenças estatisticamente significativas para um nível de confiança de 95% entre o sexo masculino e o sexo feminino):

Tabela 7 – Diferenças estatisticamente significativas com grau de confiança de 95% entre o sexo masculino e o sexo feminino

Questão n°	Variáveis	Sexo Masculino		Sexo Feminino		df	Teste de Levene		T-Student	P value	
		Média	DP	Média	DP		F	pL	t	p	
Motivações para o voluntariado	7	Esquecer os problemas	3.15	1.41	3.71	1.30	216	1.5	0.2	- 2.75	0.006
	8	Preocupação com o grupo a apoiar	3.44	1.30	3.99	1.24	216	0.46	0.5	- 2.86	0.005
	12	Explorar diferentes opções de carreira	3	1.27	3.42	1.36	216	1.94	0.2	- 2.07	0.04
	13	Obter competências importantes para o futuro	3.88	1.26	4.27	1.07	216	0.8	0.4	- 2.27	0.02
	14	Viver novas experiências	4.15	1.03	4.67	0.66	76.4	12.9	<0.001	- 3.61	0.001
	15	Importância de ajudar os outros	4.44	1	4.75	0.68	78.8	13.3	<0.001	- 2.17	0.03
	17	Lidar com diferentes pessoas	4.24	0.97	4.57	0.78	87.6	4.4	0.04	- 2.33	0.02
	21	Sentimento de ser útil	4.02	1.18	4.46	0.87	82.4	7.3	0.007	- 2.62	0.01
	27	Crescimento pessoal	4.05	1.22	4.57	0.88	81	7.3	0.007	- 2.97	0.004
	28	Causa importante para mim	3.95	1.14	4.45	0.89	216	1.6	0.2	- 3.43	0.001
	31	Disponibilidade de tempo	2.95	1	3.36	1.18	120.3	5.3	0.02	- 2.58	0.01
23	Compaixão das pessoas carentes	3.73	1.24	4.08	1.04	216	3.5	0.06	- 2.10	0.04	
Benefícios do voluntariado	5	Ocupar tempos livres	3.66	1.36	4.08	1.20	216	0.9	0.3	- 2.22	0.03
	17	Lidar com uma variedade de pessoas	3.49	1.48	3.99	1.24	216	3.1	0.08	- 2.53	0.01
	18	Resolução de problemas pessoais	2.76	1.52	3.29	1.42	216	0.4	0.5	- 2.38	0.02

19	Maior consciência dos problemas sociais	3.41	1.45	3.93	1.26	216	1.7	0.2	- 2.62	0.009
20	Maior capacidade de escutar os outros	3.42	1.48	3.89	1.34	216	0.4	0.5	- 2.23	0.03

Fonte: elaboração própria

Para as variáveis que não obedeceram aos critérios de normalidade, procedemos ao teste U não paramétrico de Mann-Whitney. Os resultados mostram diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino nas seguintes variáveis:

Motivação para o voluntariado

32. Ganhar nova perspectiva das coisas: $U = 3577.5$; $p = 0.003$; Posto Médio do Sexo Masculino = 90.64 < Posto Médio do Sexo Feminino = 116.5

Benefícios do voluntariado

1. Experiência gratificante: $U = 3400.5$; $p = < 0.001$; Posto Médio do Sexo Masculino = 87.64 < Posto Médio do Sexo Feminino = 117.61

3. Crescimento pessoal e humano: $U = 3384.5$; $p = < 0.001$; Posto Médio do Sexo Masculino = 87.36 < Posto Médio do Sexo Feminino 117.71

5.2.3. Diferenças de percepção entre os alunos do Ensino Secundário e os alunos do Ensino Superior

Os alunos do Ensino Secundário, revelam ser mais sensíveis à influência da escola e professores, para dar início à prática de voluntariado do que os alunos do Ensino Superior.

Por seu turno, os alunos do Ensino Superior, dão maior importância em ajudar os outros e têm uma maior preocupação com o grupo a que prestam apoio no voluntariado, sentindo-se úteis com esta prática. Além disso, vêm no voluntariado uma boa forma de contribuir para uma causa importante para eles, quando comparados com os alunos do Ensino Secundário.

Estes alunos de graus de ensino tão diferentes, também se distinguem pelo facto de os alunos do Ensino Secundário, apreciarem mais os aspetos ligados à carreira, em relação aos alunos do Ensino Superior, nomeadamente ao nível de obter contactos favoráveis à sua carreira e acederem ao lugar onde gostariam de trabalhar, através do voluntariado.

O facto de o voluntariado ser uma atividade importante e “bem vista” socialmente, o prestígio e o reconhecimento social, que advém da sua prática, parece atrair mais os alunos do Ensino Secundário.

Num outro aspeto, os alunos do Ensino Secundário são mais sensíveis à possibilidade de fazer parte de um grupo, através do voluntariado, em relação aos alunos do Ensino Superior. Além disso, a questão da disponibilidade de tempo para iniciar o voluntariado, parece influenciar mais os estes alunos do Ensino Secundário do que os alunos do Ensino Superior.

Os alunos do Ensino Superior, sentem que o voluntariado lhes permite viver novas experiências, enquanto contribui para o seu crescimento pessoal, bem como, a obtenção de competências importantes para o seu futuro. Valorizam mais estes fatores motivacionais, comparativamente com os alunos do Ensino Secundário.

Ao nível do impacto que o voluntariado teve na vida destes alunos, verifica-se que tanto os alunos do Ensino Secundário como os alunos de Ensino Superior, concordam que esta foi uma experiência gratificante. Contudo, os alunos do Ensino Superior, revelam uma maior satisfação com a experiência de voluntariado, do que os alunos do Ensino Secundário.

A oportunidade de lidar com diferentes pessoas e a ocupação dos tempos livres com boas causas, por meio do voluntariado, foram, também, benefícios bastante positivos para os alunos do Ensino Superior.

Os alunos do Ensino Secundário, com o contacto com pessoas em situações de grande vulnerabilidade e carência no voluntariado, tendem a sentir-se mais satisfeitos com a sua vida, dado que, se aperceberam que há quem esteja em situação pior que eles próprios. (Ver Tabela 8 que revela as variáveis com diferenças estatisticamente significativas para um nível de confiança de 95% entre o Ensino Secundário e o Ensino Superior):

Tabela 8 – Diferenças estatisticamente significativas com grau de confiança de 95% entre os alunos do Ensino Secundário e os alunos do Ensino Superior

Questão n°	Variáveis	Ensino Secundário		Ensino Superior		df	Teste de Levene		T-Student	P value	
		Média	DP	Média	DP		F	pL	t	p	
Motivações para o voluntariado	3	Incentivo da escola e professores	3.09	1.37	2.40	1.33	218	0.2	0.6	3.79	<0.001
	5	Acesso ao lugar para trabalhar	3.04	1.43	2.64	1.35	218	0	0.9	2.09	0.04
	8	Preocupação com o grupo a apoiar	3.52	1.36	4.18	1.09	213.7	9.1	0.003	- 3.99	<0.001
	10	Obtenção contactos para a carreira	3.32	1.37	2.92	1.33	218	0.5	0.5	2.25	0.03
	11	Alívio de culpa por ter uma vida melhor	2.53	1.46	2.07	1.33	218	2.4	0.1	2.44	0.02
	13	Obter competências importantes para o futuro	3.97	1.18	4.34	1.08	218	0.9	0.3	- 2.39	0.02
	14	Novas experiências	4.40	0.89	4.63	0.75	215.8	7.8	0.006	- 2.07	0.04
	15	Importância ajudar os outros	4.54	0.92	4.76	0.67	206.1	11.7	0.001	- 2.12	0.04
	21	Sentimento de ser útil	4.07	1.13	4.60	0.71	192.8	22.5	<0.001	- 4.23	<0.001
	25	Prestígio e reconhecimento social	3.11	1.34	2.14	1.21	218	0.8	0.4	5.65	<0.001
	26	Integrar um grupo	3.48	1.27	3.09	1.31	218	0.06	0.8	2.23	0.03
	27	Crescimento pessoal	4.25	1.14	4.61	0.8	202.9	12.4	0.001	- 2.78	0.006
	28	Causa importante para mim	4.04	1.12	4.59	0.7	195.8	13.2	<0.001	- 4.36	<0.001
	30	Obtenção de regalias	2.70	1.53	1.73	1.18	210.7	15.5	<0.001	5.33	<0.001
	31	Disponibilidade de tempo	3.44	1.09	3.06	1.17	218	0.8	0.4	2.51	0.01

	33	Pessoas que são próximas querem que seja voluntário	2.86	1.41	2.32	1.29	218	0.2	0.6	2.95	0.003
Benefícios do voluntariado	5	Ocupar tempos livres	3.74	1.35	4.21	1.08	213.5	6.2	0.01	- 2.86	0.005
	8	Contacto com o meio de trabalho	3.35	1.51	2.85	1.48	218	0.002	0.9	2.49	0.01
	11	Maior satisfação com a vida	3.46	1.5	3.02	1.49	218	0.03	0.9	2.21	0.03
	13	Prestígio social	2.96	1.56	2.22	1.23	218	2.1	0.1	3.93	<0.001
	16	Acesso a regalias	2.43	1.59	1.59	1.18	207.8	23.9	<0.001	4.45	<0.001
	17	Lidar com variedade de pessoas	3.68	1.45	4.04	1.13	211.4	14.5	<0.001	- 2.07	0.04

Fonte: elaboração própria

Para as variáveis que não obedeceram aos critérios de normalidade, mais uma vez, procedemos ao teste U não paramétrico de Mann-Whitney. Os resultados mostram diferenças entre o Ensino Secundário e o Ensino Superior nas seguintes variáveis:

Benefícios do voluntariado

1. Experiência gratificante: $U = 4354$; $p = < 0.001$; Posto Médio do Ensino Secundário = 95.69 < Posto Médio do Ensino Superior = 126.42
3. Crescimento Pessoal e Humano: $U = 4358$; $p = < 0.001$; Posto Médio do Ensino Secundário = 95.73 < Posto Médio do Ensino Superior = 126.39

VI. Conclusão

A grande maioria dos estudantes, que participou neste estudo, faz voluntariado de forma regular e iniciou a prática no Ensino Básico, contando com ações de voluntariado, maioritariamente, a nível regional tendo alguns, já vivido a experiência a nível nacional e internacional. Durante o seu percurso no voluntariado, as tarefas que dependendo da situação partiram de uma escolha própria ou então já estavam definidas, foram desenvolvidas nas mais diversas áreas, com satisfação e segurança, contando sempre com o apoio dos responsáveis do Projeto/Instituição.

Os estudantes do Ensino Secundário e Ensino Superior, foram motivados para a prática de voluntariado por razões tanto altruístas como de interesse próprio, ou seja, pela vontade de realmente dar o seu contributo para apoiar os mais desfavorecidos e minimizar as injustiças sociais, como enriquecer a nível pessoal com a experiência. De um modo geral, as motivações que tiveram por base o altruísmo e levaram os estudantes a iniciar o voluntariado foram: sentir que é importante ajudar os outros; contribuir para levar esperança aos menos favorecidos; poder ajudar a comunidade; compaixão das pessoas carentes; contribuir para uma causa pessoal importante. Em contrapartida, nas motivações de carácter mais egoísta destacaram-se: a obtenção de novas competências importantes para o seu futuro; viver novas experiências com o voluntariado; aprender a lidar com diferentes pessoas; valorização do currículo; fazer novos amigos; sentir-se útil; crescimento pessoal e humano; ganhar uma nova perspetiva das coisas.

Os alunos, de ambos os graus de ensino, sentem que a experiência de voluntariado foi uma experiência gratificante nas suas vidas, que contribuiu quer para o seu desenvolvimento enquanto seres humanos (ganhar uma maior consciência para os problemas sociais; melhorar a sua capacidade de escutar os outros e colocar-se na sua posição), quer para obter ferramentas importantes para o seu futuro (aprender a lidar com diferentes pessoas; melhoria de competências importantes para a empregabilidade). A par destes benefícios, os alunos consideram que o voluntariado foi bom para fazer novos amigos e ocupar os tempos livres com boas causas.

As motivações e benefícios que a entrevistada identificou, vão ao encontro da informação obtida através do questionário, dado que ela iniciou o voluntariado como forma ganhar experiência pessoal e profissional, valorizar o seu currículo, aprender a lidar com diferentes pessoas e conhecer novos ambientes. Já no que toca aos benefícios, o voluntariado possibilitou-lhe a

obtenção de competências importantes para a empregabilidade, maior capacidade de lidar com diferentes pessoas, maior consciência ambiental, maior consciência social dos problemas que afetam o mundo e a valorização do currículo.

Este estudo, permitiu verificar que existem diferenças entre as motivações dos estudantes do Ensino Secundário e do Ensino Superior. Contudo, a hipótese de os estudantes do Ensino Secundário praticarem voluntariado porque a família também pratica, não se verificou. Na verdade, tanto para os alunos do Ensino Secundário, como para os do Ensino Superior, este fator não teve qualquer influência no começo do voluntariado.

A escola e os professores, exercem uma maior influência sobre os alunos do Ensino Secundário, do que nos alunos do Ensino Superior, na hora de dar início ao voluntariado. Questões ligadas ao prestígio/reconhecimento social, à carreira (acesso ao lugar onde se gostaria de trabalhar, obter contactos favoráveis à carreira), são mais privilegiadas pelos alunos do Ensino Secundário. A possibilidade de através do voluntariado poderem fazer parte de um grupo, é um fator motivacional, igualmente, mais valorizado pelos alunos deste grau de ensino.

No caso dos alunos do Ensino Superior, observou-se que estes demonstram uma maior preocupação em ajudar os outros, bem como, com o grupo a que prestam apoio, sentindo-se úteis com o voluntariado. Além disso, vêm no voluntariado uma forma de fazer algo por uma causa importante para eles. Deste modo, verifica-se que a hipótese de os alunos do Ensino Superior, praticarem voluntariado porque realmente se sentem bem a ajudar os outros, e a contribuir para uma determinada causa, se confirma. Acresce, ainda, o facto de a oportunidade de crescer a nível pessoal, obter competências importantes para o futuro e viver novas experiências, serem motivações mais valorizadas por estes alunos do Ensino Superior.

Os benefícios percebidos da prática de voluntariado, diferem também entre os dois graus de ensino. Os alunos do Ensino Secundário, com a experiência de voluntariado sentem-se mais satisfeitos com a vida, pois, tiveram contacto com pessoas em situações de grande fragilidade, o que gera um sentimento de gratidão pela vida que têm. Sentem que a experiência de voluntariado foi gratificante, contudo, essa gratificação teve uma maior expressão nos alunos do Ensino Superior. Por seu turno, os alunos do Ensino Superior consideram que o voluntariado lhes permitiu um desenvolvimento pessoal e humano, bem como, aprender a lidar com uma variedade de pessoas e uma melhor ocupação dos tempos livres.

Com este estudo, foi ainda possível encontrar diferenças de percepção entre os sexos, bem como, entre os que atualmente fazem voluntariado e os que já fizeram, mas depois deixaram esta prática.

Relativamente às diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino, os resultados apontam que o sexo feminino, é movido para o voluntariado por uma maior compaixão das pessoas carentes, uma maior preocupação em ajudar os outros e um maior cuidado com o grupo a que prestam apoio, demonstrando, ainda, um maior sentimento de utilidade por fazerem voluntariado, em relação ao sexo masculino. As motivações divergem, ainda, entre os sexos ao nível das oportunidades que o voluntariado oferece, nomeadamente, explorar diferentes opções de carreira; obtenção de competências importantes para o futuro; viver novas experiências; aprender a lidar com diferentes pessoas; crescimento pessoal; ganhar nova percepção das coisas e, até por momentos, esquecer os problemas pessoais, mais valorizadas pelo sexo feminino. Por último, o fator disponibilidade tempo tem um maior peso, para o sexo feminino na hora de decidir fazer voluntariado.

No âmbito dos benefícios, o sexo feminino sente que foi bom ter dedicado o seu tempo livre ao voluntariado, sendo que este lhe possibilitou a vivência de uma experiência gratificante, que contribuiu para o seu crescimento pessoal e humano, para uma maior consciencialização dos problemas sociais, melhoria da sua capacidade de se colocar no lugar dos outros e escuta-los. O sexo feminino, privilegia mais estes benefícios, quando comparado com o sexo masculino.

O presente estudo, englobou estudantes que atualmente fazem voluntariado e estudantes que já fizeram, mas depois deixaram de fazer. As razões que estiveram na origem ao abandono, prendem-se, sobretudo, pela falta de tempo e dificuldade em conciliar as suas atividades com as de voluntariado.

A análise efetuada, conclui que os indivíduos que atualmente fazem voluntariado, são motivados por uma maior preocupação em ajudar os outros, a comunidade, em levar esperança aos desfavorecidos e reduzir as injustiças sociais, mostrando uma maior preocupação com o grupo que apoiam, comparativamente com os que abandonaram o voluntariado. Estes estudantes que permaneceram no voluntariado, são mais sensíveis à influência de grupos de incentivo ao mesmo (escuteiros, grupos religiosos, etc). Vêm no voluntariado uma forma de fazer novos amigos, viver momentos de diversão e obter competências importantes para o futuro.

No que toca aos benefícios, os estudantes que fazem atualmente voluntariado, encaram o voluntariado como uma experiência gratificante nas suas vidas, mais do que aqueles que deixaram a prática. Os respondentes ao inquérito que fazem atualmente voluntariado, sentem que a experiência serviu para os consciencializar para os problemas sociais e obter competências importantes para a empregabilidade, bem como, ocupar os tempos livres de melhor forma.

As limitações deste estudo, advém da utilização da escala de Likert de nível cinco, para medir o grau de conformidade dos alunos relativamente às motivações para o voluntariado e os seus benefícios, levando muitas vezes a que os estudantes adotem uma postura neutra, colocando sempre indiferente (nível 3) nas suas respostas, o que dificulta a sua análise.

Na análise dos resultados das diferenças de perceção entre o sexo feminino e masculino, importa lembrar que, este estudo conta apenas com 59 estudantes do sexo masculino e 159 estudantes do sexo feminino. Dada esta diferença de 100 alunos, os resultados podem ter sido influenciados por esta razão, na medida em que, na análise às médias verifica-se que estas são sempre maiores nas raparigas, sendo raras as exceções do contrário. No caso das diferenças entre os que atualmente fazem voluntariado (65 alunos) e os que deixaram a prática (154 alunos), existe uma diferença de 89 alunos, o que levanta a questão de que se o número de alunos fosse equilibrado os resultados seriam os mesmos.

Estudos futuros, poderão incluir na amostra estudantes que nunca fizeram voluntariado, a fim de, comparar as motivações dos que fazem voluntariado com as dos que nunca fizeram voluntariado.

Referências Bibliográficas

Almeida, J. R. (2011). *O Voluntariado na Adolescência: Um Estudo Exploratório sobre o Impacto na Autoeficácia e na Conceção Positiva de Si*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Carvalho, A. (2015). Voluntariado Missionário. Consultado em Dezembro 8, 2019, em <http://www.dnpj.pt/voluntariado-missionario/>

Clary, E. G. & Snyder, M. (1999). The Motivations to Volunteer: Theoretical and Practical Considerations. *Current Directions in Psychological Science*, 8(5), 156-159.

Clary, E. G., Snyder, M., Ridge, R. D., Copeland, J., Stukas, A. A., Haugen, J. & Miene, P. (1998). Understanding and Assessing the Motivations of Volunteers: A Functional Approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1516-1530.

Cnaan, R. A. & Goldberg-Glen, R. S. (1991). Measuring motivation to volunteer in human services. *Journal of Applied Behavioral Science*, 27(3), 269-284.

Coimbra, C. L. (2011). Existe trabalho involuntário? Consultado em Novembro 20, 2018, em <https://outraspalavras.net/sem-categoria/tudo-e-voluntario/>

Cuskelly, G., Talyor, T., Hoye, R. & Darcy, S. (2006). Volunteer Management Practices and Volunteer Retention: A Human Resource Management Approach. *Sport Management Review*, 9, 141-163.

Decreto Lei nº 71/98 de 3 de Novembro

Dolnicar, S. & Randle, M. J. (2004). What Moves Which Volunteers to Donate Their Time? An Investigation of Psychographic Heterogeneity Among Volunteers in Australia. *ANZMAC 2004 (CD) Conference Proceedings of the Australian and New Zealand Marketing Academy, Wellington, New Zealand, 29 November-1 December 2004*. Austrália: University of Wollongong.

Dykhuis, C. (2010). Youth as VolunTourists: A Case Study of Youth Volunteering in Guatemala. *Academic Journal*, 7(3), 15-24.

Eagly, A. (2009). The his and hers of prosocial behavior: An examination of the social psychology of gender. *American Psychologist*, 64(8), 644-658.

Enrajada (2011). Alguns dados relativos ao voluntariado em Portugal. Consultado em Novembro 26, 2018, em https://bolsadovoluntariado.pt/media/1048/voluntariado-em-portugal_jan-2011.pdf

Esmond, J. & Dunlop, P. (2004). Developing the Volunteer Motivation Inventory to Assess the Underlying Motivational Drives of Volunteers in Western Australia. Consultado em Dezembro 10, 2018, em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.734.3555&rep=rep1&type=pdf>

Eurobarómetro 75.2, Realizado por TNS Opinion & Social a pedido do Parlamento Europeu (2011). Voluntariado e Solidariedade Intergeracional. Consultado em Novembro 25, 2018, em http://www.europarl.europa.eu/pdf/eurobarometre/2011/juillet/04_07/rapport_%20eb75_2_%20benevolat_pt.pdf

Ferreira, A. F. (2013). *Promoção do voluntariado nas escolas: o seu contributo para o desenvolvimento pessoal e comunitário. Um Estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Ferreira, M., Proença, T. & Proença, F. J. (2008). As motivações no trabalho voluntário. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 7(3), 43-53.

García-Cano, A., Paterna, C., & Martínez, C. (2016). Influence of gender self-schema and type of serviceoriented NGOs on volunteering activity. *Revista de Psicología Social*, 31(3), 521-553.

Goethem, A. A., Hoof, A., Aken, M. A., Castro, B. O. & Raaijmakers, Q. A. (2014). Socialising adolescent volunteering: How important are parents and friends? Age dependent effects of parents and friends on adolescents' volunteering behaviours. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 35, 94-101.

Groenou, M. B. & Tilburg, T. (2010). Six-year Follow-up on Volunteering in Later Life: A Cohort Comparison in the Netherlands. *European Sociological Review*, 28, 1-11. Consultado em Dezembro 15, 2018, em <https://academic.oup.com/esr/article/28/1/1/495988>

Hall, M., Lasby, D., Gumulka, G. & Tryon, C. (2006). Caring Canadians, involved Canadians: Highlights from the 2004 Canada Survey of Giving, Volunteering and Participating. *Statistics Canada*, Catalogue no. 71-542-XPE, 1-99.

- Haski-Leventhal, D., Ronel, N., York, A. S. & Ben-David, B. M. (2008). Youth volunteering for youth: Who are they serving? How are they being served? *Children and Youth Services Review*, 30, 834-846.
- Holdsworth, C. (2010). Student Volunteering in English Higher Education. *Journal of Studies in Higher Education*, 35 (1), 113-127.
- Houle, B. J., Sagarin, B. J. & Kaplan, M. F. (2005). A functional approach to volunteerism: Do volunteer motives predict task preference? *Basic and Applied Social Psychology*, 27(4), 337-344.
- INE (2012). Inquérito ao trabalho voluntário. Consultado a Novembro 18, 2018, em <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/18InqTrabVol2012.pdf>
- Kent, M. (2011). Volunteering and Health for Aging Populations. *Today's Research on Aging*, (21). 1-7. Consultado a Janeiro 8, 2019, em <https://www.prb.org/wp-content/uploads/2011/08/TodaysResearchAging21.pdf>
- Konrath, S., Fuhrel-Forbis, A., Lou, A. & Brown, S. (2012). Motives for Volunteering Are Associated With Mortality Risk in Older Adults. *Health Psychology*, 31(1), 87-96.
- Magalhães, M. & Ferreira, M. R. (2014). Uma abordagem teórica sobre o voluntariado empresarial. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 13(3), 38-47.
- Marques, M. J. (2016). *As motivações para o voluntariado. Estudo exploratório numa amostra de estudantes do ensino superior politécnico*. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- McCurley, S. & Lynch, R. (1999). Essential Volunteer Management. Consultado em Fevereiro 2, 2019, em https://bcinvasives.ca/documents/doc179_Essential_Volunteer_Management.pdf
- McKee, T. W. (2010). How to motivate volunteers: The top motivation and retention winners. Consultado em Janeiro 27, 2019, em <http://www.volunteerpower.com/articles/motivate.asp>
- Morrow-Howell, N. (2010). Volunteering in Later Life: Research Frontiers. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 65B (4), 461-469.
- Ortiz, A. Y. (2018). Universidade e voluntariado: o papel do gênero nas crenças dos estudantes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(3), 299-308.

- Papadakis, K., Griffin, T. & Frater, J. (2005). Understanding Volunteers' Motivations. *Proceedings of the 2004 Northeastern Recreation Research*, 321-326. Consultado em Janeiro 27, 2019, em https://www.fs.fed.us/ne/newtown_square/publications/technical_reports/pdfs/2005/326papers/papadakis326.pdf
- Pena, R. F. (2016). População mundial nunca envelheceu tão rapidamente. Consultado em Janeiro 8, 2019, em <https://veja.abril.com.br/economia/populacao-mundial-nunca-envelheceu-tao-rapidamente-diz-estudo/>
- Penido, R. (2015). Características fundamentais que compõe o terceiro setor. Consultado em Novembro 11, 2019, em <http://www.rosapenido.com.br/caracteristicas-fundamentais-que-compoe-o-terceiro-setor/>
- Pinheiro, M. (2012). Faraós, igrejas, governos e ONGs: a história do trabalho voluntário. Consultado em Fevereiro 17, 2019, em <https://pecep.wordpress.com/2012/08/28/faraos-igrejas-governos-e-ons-a-historia-do-trabalho-voluntario/>
- Serapioni, M., Ferreira, S. & Lima, T. M. (2013). *Voluntariado em Portugal: contextos, atores e práticas*. (1th). Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- Serapioni, M., Ferreira, S., Lima, T. M. & Marques, R. (2011). Estudo sobre o voluntariado: contextos e conclusões. Consultado em Março 2, 2019, em [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/Estudo_sobre_voluntariado_resumo_2%20\(4\).pdfEst](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/Estudo_sobre_voluntariado_resumo_2%20(4).pdfEst)
- Smith, K. A., Holmes, K., Haski-Leventhal, D., Cnaan, R. A., Handy, F. & Brudney, J. L. (2010). Motivations and Benefits of Student Volunteering: Comparing Regular, Occasional, and Non-Volunteers in Five Countries. *Canadian Journal of Nonprofit and Social Economy Research*, 1(1), 65-81.
- Sousa, S. A. (2012). *Implicações do Plano de Voluntariado na Motivação para o Trabalho Voluntário*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Suanet, B., Groenou, M. B. & Braam, A. B. (2009). Changes in volunteering among young old in the Netherlands between 1992 and 2002: the impact of religion, age-norms, and intergenerational transmission. *Eur J Ageing*, 6(3), 157-165. Consultado em Janeiro 23, 2019, em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2728248/>

Taniguchi, H. (2006). Men's and women's volunteering: Gender differences in the effects of employment and family characteristics. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly*, 35(1), 83-101.

Webber, R. (2011). Volunteering among Australian adolescents: findings from a national study. *Youth Studies Australia*, 30(1), 9-16.

Wymer, W. W. (1998). Youth development volunteers: Their motives, how they differ from other volunteers and correlates of involvement intensity. *Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing*, 3(4), 321-336.

Apêndice I

Questionário sobre o Voluntariado

O presente questionário, destina-se a um trabalho de investigação que tem por tema Motivações para a Prática de Voluntariado: Caso dos Estudantes do Secundário e da Universidade, realizado no âmbito do Mestrado em Economia Social da Universidade do Minho.

AO PRESENTE QUESTIONÁRIO, PODEM RESPONDER TODOS OS ALUNOS DO ENSINO SECUNDÁRIO E DO ENSINO SUPERIOR.

A sua opinião é muito importante, pelo que solicitamos que responda a todas as questões com sinceridade.

Não existem respostas certas ou erradas, todas as respostas são válidas e legítimas. Em caso de dúvida, dê a resposta que mais se assemelha ao seu modo de sentir ou agir.

Os dados recolhidos são confidenciais, anónimos e apenas servirão para esta investigação.

Muito obrigada pela sua disponibilidade e colaboração!

PARTE I

CARATERIZAÇÃO GERAL DOS VOLUNTÁRIOS

Em relação a cada uma das perguntas que se seguem, assinale a opção que melhor traduz a sua resposta.

1. Idade: _____ (Anos)
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Grau de Ensino que frequenta: () Ensino Secundário () Ensino Superior
4. Curso em que se encontra: _____
5. Situação Profissional:
() Estudante a Tempo Inteiro
() Trabalhador Estudante
6. Ocupação dos tempos livres (pode escolher mais que uma opção):
() Praticar Desporto
() Ler
() Ouvir Música
() Ver Televisão
() Ir ao Cinema
() Ir ao Ginásio / Fazer exercício físico
Outra: _____
7. Atualmente faz voluntariado?
() Sim
() Não
8. Se respondeu “**SIM**” à questão anterior à quanto tempo faz voluntariado?
() Há 1 ano
() Há mais de 1 ano
() Há menos de 1 ano

9. Quando iniciou a prática de voluntariado?
- No Ensino Básico
 - No Ensino Secundário
 - No Ensino Superior
10. Em qual destes Graus de Ensino já fez voluntariado (pode escolher mais que uma opção)?
- No Ensino Básico
 - No Ensino Secundário
 - No Ensino Superior
11. Com que frequência faz/fazia voluntariado?
- 1 vez por semana
 - 2 vezes por semana
 - Mais de 2 vezes por semana
 - Outra opção: _____
12. Quantas horas costuma/costumava dedicar ao voluntariado?
- De 2 a 4 horas por semana
 - De 4 a 6 horas por semana
 - De 6 a 8 horas por semana
 - Mais de 8 horas por semana
 - Outra opção: _____
13. Já fez voluntariado a nível (pode seleccionar mais que uma opção):
- Regional
 - Nacional
 - Internacional

14. Em que áreas realiza/realizou voluntariado?

<input type="checkbox"/> Ação Social	<input type="checkbox"/> Formação	<input type="checkbox"/> Ciência	<input type="checkbox"/> Desporto
<input type="checkbox"/> Defesa do Património	<input type="checkbox"/> Deficiência	<input type="checkbox"/> Educação	<input type="checkbox"/> Sem abrigo
<input type="checkbox"/> Justiça	<input type="checkbox"/> Saúde	<input type="checkbox"/> Toxicodependência	<input type="checkbox"/> Idosos
<input type="checkbox"/> Ambiente	<input type="checkbox"/> Infância/Juventude	<input type="checkbox"/> Minorias étnicas/Imigração	<input type="checkbox"/> Cultura
<input type="checkbox"/> Comportamento Cívico	<input type="checkbox"/> Reconstrução e Reabilitação de Casas	<input type="checkbox"/> Defesa do Consumidor	<input type="checkbox"/> Reinserção Social
<input type="checkbox"/> Proteção Civil	<input type="checkbox"/> Desenvolvimento da Vida Associativa	<input type="checkbox"/> Solidariedade Social	<input type="checkbox"/> Outra: _____

15. Em relação às tarefas a realizar no voluntariado:

- Foram escolhidas por mim.
- Já estão definidas eu apenas executo.
- Depende, umas vezes já estão definidas e é só executar, outras vezes tenho alguma autonomia para decidir que tarefas fazer.

16. Em relação à satisfação das tarefas que desempenha ou desempenhou sente que:

- Gosto/gostei das tarefas que faço/fiz.
- Não gosto/gostei das tarefas que faço/fiz e preferia estar a desenvolver/ter desenvolvido outro tipo de tarefas.

17. Sentiu-se/sente-se sempre seguro(a) das tarefas a desempenhar?

- Nunca
- Algumas vezes
- Na maior parte das vezes
- Sempre

18. Alguma vez teve formação para o voluntariado?

- Sim
- Não

19. Considera que o apoio e o acompanhamento que recebeu/recebe, por parte dos responsáveis do Projeto/Instituição, foi/é suficiente para que se sinta seguro (a) das funções ou tarefas a cumprir, e as desempenhe o melhor possível?

() Sim

() Não

PARTE II

MOTIVAÇÕES PARA A PRÁTICA DE VOLUNTARIADO

As afirmações que se seguem referem-se a possíveis razões pelas quais as pessoas decidem fazer voluntariado, pelo que não há respostas certas ou erradas. Faça um círculo, no número que melhor traduz a importância que dá às razões para ser voluntário. Para o efeito, use a seguinte chave de respostas, sendo que 1 significa “discordo totalmente”, 2 “discordo”, 3 “indiferente”, 4 “concordo” e 5 “concordo totalmente”.

1. Pratico voluntariado porque a minha família também pratica.	1 2 3 4 5
2. Os meus amigos fazem voluntariado.	1 2 3 4 5
3. Incentivo por parte da escola/professores a praticar voluntariado.	1 2 3 4 5
4. Pertença a grupos que incentivavam a prática de voluntariado, como por exemplo Escuteiros, Grupos Religiosos, etc.	1 2 3 4 5
5. O voluntariado pode dar-me acesso ao lugar onde eu gostaria de trabalhar.	1 2 3 4 5
6. O voluntariado aumenta a minha autoestima.	1 2 3 4 5
7. O voluntariado ajuda-me a esquecer os meus problemas.	1 2 3 4 5
8. Estou verdadeiramente preocupado(a) com o grupo específico a que dou apoio.	1 2 3 4 5
9. Através do voluntariado sinto-me menos sozinho(a).	1 2 3 4 5
10. Posso fazer novos contactos que podem ajudar no meu negócio ou carreira.	1 2 3 4 5
11. Fazer voluntariado alivia-me de alguma culpa que sinto por ter uma vida melhor que os outros.	1 2 3 4 5
12. O voluntariado permite-me explorar diferentes opções de carreira.	1 2 3 4 5
13. O voluntariado permite-me adquirir novas competências importantes para o meu futuro.	1 2 3 4 5
14. O voluntariado permite-me ter novas experiências.	1 2 3 4 5

15. Sinto que é importante ajudar os outros.	1 2 3 4 5
16. O voluntariado contribui para levar esperança aos menos favorecidos.	1 2 3 4 5
17. Posso aprender a lidar com diferentes pessoas.	1 2 3 4 5
18. O voluntariado permite ajudar a comunidade.	1 2 3 4 5
19. A experiência de voluntariado pode contribuir para o meu currículo.	1 2 3 4 5
20. Ao praticar voluntariado posso fazer novos amigos.	1 2 3 4 5
21. Ao praticar voluntariado sinto-me útil.	1 2 3 4 5
22. O voluntariado permite reduzir injustiças sociais.	1 2 3 4 5
23. Tenho compaixão das pessoas carentes.	1 2 3 4 5
24. A minha fé direcionou-me para a prática de voluntariado.	1 2 3 4 5
25. Ao praticar voluntariado obtenho prestígio e o reconhecimento social.	1 2 3 4 5
26. A prática de voluntariado dá-me a possibilidade de fazer parte de um grupo.	1 2 3 4 5
27. Praticar voluntariado permite-me crescer enquanto pessoa.	1 2 3 4 5
28. Ao realizar voluntariado posso fazer algo por uma causa que é importante para mim.	1 2 3 4 5
29. A prática de voluntariado pode possibilitar um momento de diversão, contribuindo para um maior alívio e desanúvio, diminuindo o stress.	1 2 3 4 5
30. Ao praticar voluntariado posso ter acesso a determinadas regalias (Ex: bilhetes para concertos, viagens, entradas livres para museus ou exposições, beneficiar de um regime especial de utilização dos transportes públicos, etc.).	1 2 3 4 5
31. Disponibilidade de tempo.	1 2 3 4 5
32. O voluntariado permite-me ganhar uma nova perspetiva das coisas.	1 2 3 4 5
33. As pessoas que me são próximas querem que seja voluntário.	1 2 3 4 5

PARTE III

RAZÕES PARA O ABANDONO DO VOLUNTARIADO

Esta Parte do Questionário, DESTINA-SE APENAS AOS ALUNOS QUE JÁ FIZERAM VOLUNTARIADO E ATUALMENTE JÁ NÃO FAZEM.

No quadro que se segue, encontram-se um conjunto de afirmações, que dizem respeito às razões pelas quais pode ter deixado de ser voluntário. Por favor, marque com um X, as afirmações que considera terem sido o motivo de ter deixado de fazer voluntariado.

1. Percebi que, afinal, o voluntariado não estava a contribuir para fazer novos contactos que me poderiam ajudar no meu negócio ou carreira.	
2. O voluntariado não estava a contribuir, para eu adquirir novas competências consideradas importantes para a empregabilidade.	
3. O voluntariado não me trazia nada de novo, nem me permitia viver novas experiências que eu considerasse enriquecedoras.	
4. Perdi a minha fé e não fazia sentido continuar com a prática de voluntariado.	
5. Não gostei da experiência de voluntariado e, por isso, desisti.	
6. Falta de tempo, sentindo dificuldade em conciliar as minhas atividades com as de voluntariado.	
7. O facto de em alguns projetos de voluntariado ter de pagar uma “taxa” inicial, para poder fazer voluntariado.	
8. O facto de ter de assumir os custos que o voluntariado implica, como por exemplo as deslocações; por vezes t-shirts que representam a instituição/projeto e que é necessário usar, entre outros tipos de custos.	
9. O facto de em alguns casos, ter de dizer com muita antecedência se vou estar disponível numa determinada altura, e ainda em certos casos ter de também de pagar com antecedência uma “taxa” para poder fazer voluntariado.	
10. Sentir que o trabalho que desenvolvia não era devidamente reconhecido quer pelas pessoas a quem prestava apoio, quer pelos responsáveis da Instituição/Projeto.	
11. Falta de apoio e acompanhamento no desenvolvimento das tarefas a realizar, por parte dos responsáveis do Projeto/Instituição em que fui voluntário.	
12. Falta de formação para o voluntariado, ou a formação a que tive acesso revelou-se insuficiente.	
13. Não gostei das tarefas que realizei, preferia ter desenvolvido outros tipos de tarefas.	
14. Falta de autonomia para decidir, por vezes, que tarefas fazer.	
15. Algo correu mal durante a prática de voluntariado que me desmotivou e, por isso, desisti.	
16. Outra, qual? Indique:	

PARTE IV

BENEFÍCIOS DO VOLUNTARIADO

As afirmações que se seguem dizem respeito a um conjunto de benefícios que normalmente advém da prática de voluntariado. Faça um círculo, no número que melhor traduz os benefícios percebidos por si da prática de voluntariado. Para o efeito, use a seguinte chave de respostas, sendo que 1 significa “discordo totalmente”, 2 “discordo”, 3 “indiferente”, 4 “concordo” e 5 “concordo totalmente”.

1. A minha experiência no voluntariado foi pessoalmente gratificante.	1 2 3 4 5
2. O voluntariado contribuiu para que eu adotasse estilos de vida mais saudáveis.	1 2 3 4 5
3. O voluntariado contribuiu para o meu crescimento pessoal e humano.	1 2 3 4 5
4. Com o voluntariado fiz novos amigos.	1 2 3 4 5
5. O voluntariado foi uma excelente forma de ocupar os meus tempos livres com boas causas.	1 2 3 4 5
6. O meu contributo no voluntariado, foi importante na luta contra a pobreza e a exclusão social.	1 2 3 4 5
7. O voluntariado contribuiu para a melhoria das minhas competências, bem como a aquisição de novas experiências importantes para a empregabilidade.	1 2 3 4 5
8. O voluntariado permitiu-me o contacto com o meio de trabalho.	1 2 3 4 5
9. O voluntariado permitiu-me explorar possíveis opções de carreira.	1 2 3 4 5
10. O voluntariado permitiu-me a obtenção de novos contactos, que me poderão ajudar no meu negócio ou carreira.	1 2 3 4 5
11. O voluntariado contribui para uma maior satisfação com a minha vida, uma vez que, me fez perceber que existem outros em pior situação que eu.	1 2 3 4 5
12. O voluntariado contribuiu para melhorar a minha autoestima e autoconfiança.	1 2 3 4 5
13. O voluntariado trouxe-me prestígio e reconhecimento pela sociedade.	1 2 3 4 5
14. O voluntariado fez-me sentir mais integrado na sociedade.	1 2 3 4 5
15. O voluntariado permitiu-me escapar aos meus problemas.	1 2 3 4 5

16. O voluntariado deu-me acesso a determinadas regalias como: viagens, bilhetes para concertos, entradas livres para museus ou exposições, beneficiar de um regime especial de utilização dos transportes públicos, etc.	1 2 3 4 5
17. Aprendi como se lida com uma grande variedade de pessoas através do voluntariado.	1 2 3 4 5
18. Através do voluntariado, tornei-me apto para resolver alguns dos meus problemas pessoais com que me debato na minha vida.	1 2 3 4 5
19. Com o voluntariado comecei a ver o mundo de uma maneira diferente, passando a ter uma maior consciência dos problemas sociais que afetam o mundo.	1 2 3 4 5
20. O voluntariado permitiu-me melhorar a minha capacidade de escutar as dores dos outros e de me colocar no lugar dos outros.	1 2 3 4 5

Obrigada pela sua Participação!

Apêndice II

Guião da Entrevista

Dimensões	Questões da Entrevista	Objetivos
Dados Demográficos	1. Idade e sexo. 2. Habilitações literárias/grau de ensino.	Recolher informação que permita conhecer a entrevistada.
Caraterização da Voluntária	3. Há quanto tempo fazes voluntariado? 4. Com que regularidade? 5. Tens conseguido conciliar as tuas atividades com as de voluntariado? Justifica.	Entender a situação da participante face à prática de voluntariado.
Motivações para o Voluntariado	6. Algum familiar teu ou amigo faz voluntariado? 7. O que te levou, motivou a começar a fazer voluntariado?	Compreender os motivos para a entrevistada se ter tornado voluntária, nomeadamente, a influência da família e amigos no início ao voluntariado.
Processo de recrutamento/seleção dos voluntários	8. O que te levou a chegar a essa Instituição? Como funciona o sistema de recrutamento/seleção de voluntários? Como te sentiste quando foste aceite (entusiasmada, indiferente)?	Compreender todo o processo pelo qual é necessário passar para se tornar voluntária e no final qual a sensação de ser aceite.
Áreas de voluntariado e tarefas a realizar	9. Em que área fazes voluntariado? 10. Quais as tuas tarefas? 11. Porque desempenhas essas tarefas? Foi uma escolha pessoal ou as tarefas foram indicadas pela Instituição? 12. Gostas do que fazes ou preferias estar a desenvolver outros tipos de tarefas? Porquê?	Averiguar as áreas de atuação da voluntária, bem como, o nível de autonomia na escolha de tarefas a desenvolver e o grau de satisfação, face à realização das mesmas.
Formação para o Voluntariado	13. Recebeste apoio e formação por parte da Instituição que te acolheu? Que tipo de apoio? Sentiste-te apoiada e segura das tarefas a desempenhar? 14. Consideras que a formação a que tiveste acesso é suficiente para o trabalho que estás a realizar? Diz o que te ajudou e as insuficiências que sentiste.	Recolher informação sobre a existência ou não, durante o voluntariado, de formação ou algum tipo de apoio para o desempenho das tarefas.

<p>Impacto da experiência de voluntariado</p>	<p>15. Consideras que o trabalho que estás a desenvolver vai ao encontro das tuas expetativas? Porquê?</p> <p>16. O que é que eventualmente te desmotiva na prática de voluntariado? Porquê?</p> <p>17. Como te sentes em relação a esta experiência? Justifica.</p> <p>18. Que benefícios te traz o voluntariado? E em termos pessoais como te sentes com a realização de voluntariado?</p> <p>19. Com este projeto passaste a interessar-te mais pelos problemas sociais que afetam o mundo? Em que aspeto?</p> <p>20. Pretendes continuar a fazer voluntariado? Porquê?</p>	<p>Recolher informação sobre as expetativas criadas pela voluntária face ao voluntariado, bem como, os pontos fracos da experiência.</p> <p>Entender como a voluntária se sente em relação à experiência, em termos realização pessoal e dos benefícios obtidos com esta prática.</p> <p>Compreender de que forma o voluntariado despertou a entrevistada para uma maior consciência social.</p>
---	--	--

Muito obrigada pela colaboração!

Apêndice III

Entrevista realizada a uma estudante universitária envolvida em práticas de voluntariado.

1. Idade.

Tenho 22 anos.

2. Habilitações literárias/grau de ensino.

Sou Licenciada em Administração Público Privada, pela Universidade de Coimbra. Atualmente, estou no Mestrado de Contabilidade e Finanças no Porto.

3. Há quanto tempo fazes voluntariado?

A primeira vez que fiz voluntariado foi quando participei nas campanhas do Banco Alimentar no 6º ou 7º ano, tinha 11/12 anos. Mas a primeira vez mesmo a sério foi em Janeiro de 2017, durante a Licenciatura em Coimbra, com a Missão País que é um Projeto de Voluntariado Universitário Católico, em que vamos para uma vila aleatória no país. Ficamos uma semana nessa vila, eu fui sem conhecer ninguém sem conhecer nada, conhecia mais ou menos o projeto, mas de ouvir falar na internet e fui e adorei, foi uma semana em que estive em Mação antes dos grandes incêndios. Depois desta experiência, seguiram-se outros projetos de voluntariado nos quais participei e participo atualmente.

4. Com que regularidade?

Atualmente já não estou em Coimbra e estou no Porto a fazer Mestrado, participo no Projeto Vou Acompanhar, que também é um Projeto Universitário e faço acompanhamento a idosos, uma vez por semana duas horas. Anteriormente, na Licenciatura, por exemplo na Missão País era uma semana em fevereiro normalmente no início, mas como já fiz dois anos de Missão País, cheguei a fazer duas semanas. Mas isso depende de projeto para projeto, no caso do Faz Mais era uma vez por semana. De uma forma geral, é sempre uma vez por semana, uma tarde ou algo do género, duas/três horas.

5. Tens conseguido conciliar as tuas atividades com as de voluntariado? Justifica.

Sim, tenho conseguido conciliar porque normalmente eles pedem-nos o nosso horário e consoante o nosso horário, fazem as escalas dos voluntários. Até hoje consegui conciliar, por exemplo, não te dá jeito num dia em que tens um exame, eles percebem isso e alteram-te o dia e naquele dia não vais. Isso é tranquilo.

6. Algum familiar/amigo faz ou já fez voluntariado?

Não, nem familiar nem amigo, eu não conhecia ninguém. Eu comecei a procurar na internet, projetos de voluntariado em que pudesse participar e o primeiro foi a Missão País. Fiz amigos lá na Missão País e de amigos por amigos, os projetos vão surgindo e passando de boca em boca, depois eu vou-me inscrevendo, mas sempre sozinha, sem ninguém.

7. O que é que te levou, motivou a começar a fazer voluntariado?

Eu estava no meu último ano de Licenciatura e sentia que não tinha feito nada para além da Licenciatura, isso fez-me perceber que se calhar devia começar a fazer outras coisas em que pudesse ganhar experiência pessoal e profissional, que não fosse só a licenciatura. Então, o facto de querer acrescentar algo ao currículo, também, foi uma motivação, porque hoje em dia não conta só o curso, mas também as tuas capacidades de interagir com as pessoas, porque tu vais trabalhar num ambiente com pessoas e tens de saber lidar, então também me inscrevi nessa vertente.

Comecei a pesquisar na internet e encontrei a Missão País, que já me tinham falado porque frequentava uma casa de Jesuítas lá em Coimbra, na qual tinha muita gente que fazia Missão País. Depois, de tanto ouvir falar decidi inscrever-me, foi o meu primeiro projeto de voluntariado e a partir daí fui de projeto em projeto.

O que me motivou foi, também, a oportunidade de interagir com novas pessoas que não sejam do meu meio ambiente, conhecer novas pessoas, novos ambientes.

8. O que te levou a chegar à Instituição ou Projeto de Voluntariado em que participaste?

Como é que funciona o sistema de recrutamento/seleção de voluntários? Como te sentiste quando foste aceite? (entusiasmada, indiferente etc...)

Primeiro, foi mesmo por pesquisar na Internet e depois foi de ouvir falar, por vezes até no Facebook vêes qualquer coisa, ficas com aquilo guardado e depois quando chega a altura de me candidatar eu inscrevo-me.

O sistema de recrutamento/seleção de voluntários depende de projeto para projeto, mas o normal é no início de cada semestre, nos Projetos Universitários, fazerem uma comunicação online na página do projeto. De seguida, preenches um formulário, no qual dizes a idade, os dados pessoais básicos, se já fizeste voluntariado, a tua disponibilidade. Posteriormente, depende para alguns projetos fazem-te uma entrevista, outros não, entras diretamente.

Eu nunca fui a uma entrevista, mas já fiz entrevistas a voluntários, porque eu já fiz parte da Associação Académica de Coimbra e na altura lançamos um Projeto que era um Banco de Voluntariado. Nos Projetos Universitários, só podem participar os universitários e nessa altura, recebíamos alunos voluntários da Universidade de Coimbra e fazíamos entrevistas, com questões para saber se já fizeram voluntariado; quais são as faixas etárias com as quais preferem lidar; depois há pessoas que preferem fazer voluntariado na área da sua licenciatura, por exemplo, se vem de uma licenciatura ligada à gestão ou administração, podem gostar de ajudar nas contas de uma associação.

Quando entrevistei os candidatos o método de seleção era ver se pertenciam à Universidade de Coimbra, mas também apareceram pessoas do Politécnico que nós aceitamos, claro que falávamos com as instituições e dizíamos que não eram da Universidade de Coimbra, mas também eram aceites. Depois, tínhamos uma lista de associações, eles no formulário selecionavam algumas e nós já sabíamos quais as suas preferências. De seguida, falávamos com a associação e se a associação estivesse disposta a aceitá-los, nós fazíamos uma reunião em conjunto com o voluntário e com a associação, e depois combinávamos um horário, para o voluntário ir lá fazer as atividades que eram pedidas.

Quando sou aceite eu fico megafeliz, muito nervosa porque eu vou sempre sozinha para todos os projetos. Na altura dos grandes incêndios em Pedrogão, eu inscrevi-me para ir com o Just a Change, mas o Just só tinha em Lisboa e no Porto e eu nesse momento estava em Coimbra.

Conheci a associação de ver nas notícias e fui para Pedrogão sem conhecer ninguém, fui de autocarro de Coimbra até lá e com aquele nervoso miudinho, mas depois o espírito voluntário é incrível, tu sentes-te em família naquela semana que lá estás.

9. Em que área estás a praticar voluntariado?

Já fiz voluntariado na área: das crianças, idosos, sem abrigo, reconstrução e reabilitação de casas, cultura, ambiente, toxicodependência.

10. Quais as tuas tarefas?

No Projeto Faz Mais, íamos a uma instituição a Casa de Infância Doutor Elísio de Moura, uma vez por semana dar explicações às meninas que estavam lá institucionalizadas.

Na Missão País no primeiro ano em 2017 estive com crianças do infantário e escola primária, aqui basicamente é fazer o que elas querem que normalmente é desenhar, correr com elas no recreio.

Em 2018 também fiz a Missão País em Viseu e estive num lar de idosos e com eles é mais jogar às cartas durante a tarde, coisas que eles gostam de fazer mas que se calhar durante a semana quando nós lá não estamos eles não tem com quem fazer, dois velhinhos no lar pegam-se um com o outro e não tem paciência para jogar. Nunca foi assim nada de mais, é só assim nas pequenas questões do dia a dia que às vezes as pessoas pensam *“oh isso a sério não quero fazer isso”* e se calhar há outra pessoa que até gostava de fazer, mas não tem com quem.

No Just a Change em Pedrogão Grande estive a reconstruir e a reabilitar casas. Já dei apoio numa exposição de obras de arte e também estive num grupo de apoio aos sem abrigo no Faz Mais.

A nível ambiental, quando estava na Associação Académica de Coimbra, já fiz recolha de lixo e coisas desse género.

Atualmente, agora com os idosos no Porto, no Projeto Vou Acompanhar, no primeiro semestre fiz acompanhamento a idosos, estive na parte da sinalização em que fazíamos o porta a porta e sinalizávamos idosos que estivessem em situação de solidão, por exemplo, estão acamados nós vamos lá ter com eles, não tem família e mesmo que tenham família vamos lá para que eles possam falar com pessoas diferentes, isso fazia no primeiro semestre. Agora no segundo

semestre, vamos fazer acompanhamento a idosos que já estão sinalizados, já não é fazer sinalização.

11. Porque desempenhas essas tarefas? Foi uma escolha pessoal ou as tarefas foram indicadas pela instituição?

Depende da pessoa, por exemplo, às vezes sugeres, também vês mais ou menos o ambiente, se já conheces a pessoa já sabes o que ela gosta de fazer e fazes o que ela quer, daí que no lar jogávamos às cartas. Mas normalmente são as pessoas que dizem: *“olha vamos fazer isto”*. Quando eram as explicações já estava definido que era a explicação daquela cadeira, mas se, por exemplo, a menina a quem dava explicações chegasse com outros trabalhos de casa de outra disciplina, também a ajudava a fazer. Varia muito, algumas tarefas temos autonomia para ver o que fazemos, outras estão definidas.

12. Gostas do que fazes ou preferias estar a desenvolver outros tipos de tarefas? Porquê?

Eu gosto do que faço e tenho gostado do que já fui fazendo ao longo do tempo. Por outro lado, por exemplo se estiveres uma semana a jogar às cartas claro que depois já te aborrece um bocado, mas pronto tens de pensar que estás ali para ajudar a pessoa e que a pessoa fica feliz com isso e tu ao mesmo tempo ficas feliz por a pessoa estar feliz. É bom saber que aquela pessoa que não tem com quem falar já há muito tempo, tem agora a oportunidade de ter alguém com quem falar sobre algumas coisas que não falam.

13. Recebeste apoio e formação por parte da instituição que te acolheu? Que tipo de apoio? Sentiste-te apoiada e segura das tarefas a desempenhar?

Não nunca tive formação nem nenhum tipo de apoio para ajudar a pagar determinados custos, por exemplo, normalmente tens de andar com uma t-shirt ou assim, essas coisas são todas pagas por mim. A única associação que me devolveu o dinheiro foi o Just a Change, porque eles têm muitos patrocínios, já é uma Associação muito grande e pagaram-me a duas viagens de autocarro, além disso, para fazer voluntariado nesta associação eu tive também de dar uma entrada de 25/30 euros, mas depois eles devolveram-me o dinheiro todo. Os projetos mais pequenos não pagam.

Formações é mais na parte da saúde, para prestar cuidados ou assim, eu nunca tive porque não faço parte de medicina nem enfermagem, então, nunca tive esse tipo de formações.

Uma vez que não me senti muito segura, foi nessa dos sem abrigo, mas estavam lá pessoas responsáveis que poderiam safar-nos de alguma coisa. Numa outra altura, levaram-nos a um centro de reabilitação em que estavam lá pessoas drogadas e entregavam-lhes seringas e coisas desse gênero. Nós estávamos lá, mas não sabíamos bem onde estávamos, nós pensamos que estavam a gozar, quando nos disseram para termos cuidado, porque nos podiam atirar seringas à cara, e nós pensamos ok se calhar é melhor recuar um bocadinho, mas pronto tinha um vidro protetor e estavam lá as pessoas responsáveis da associação. Foi a única vez em que me senti mesmo um pouco preocupada e assustada com a situação.

De um modo geral, em relação às tarefas a realizar, eu senti-me sempre segura do que era necessário fazer.

14. Consideras que a formação a que tiveste acesso é suficiente para o trabalho que estás a realizar? Diz o que te ajudou e as insuficiências que sentiste.

Como já te disse formação eu não tive, mas ao nível de insuficiências, é assim às vezes pediam-me esse tal dinheiro inicial de 25 euros e tens que estar a adiantar dinheiro, por vezes, com um mês de antecedência e tu nem sabes se naquela semana estás disponível. Eu já me inscrevi em alguns projetos, em que fui selecionada para ir e depois ligavam-me a dizer que tinha até ao dia seguinte para pagar 25 euros, mas dois meses antes do projeto e eu às vezes desisto, porque não tenho a certeza se naquela altura tenho disponibilidade. O problema é mesmo o facto de teres de dar certezas muito antes do projeto, dizeres se estás ou não disponível naquela altura e teres de pagar esses 25 euros com muita antecedência. Se te inscreveres e pagares esse dinheiro, e por algum motivo não puderes ir eles não te devolvem o dinheiro, quer vás quer não vás não te o devolvem. Em alguns eu sinto que estou a pagar para fazer voluntariado.

Na Missão País, por exemplo, não te devolvem o dinheiro, mas também tu estás uma semana a comer, a ter todas as refeições, claro que não dormes num hotel dormes em sacos de cama, numa escola primaria que já não esteja a ser utilizada. Agora, este ano está mais caro, são 30 euros acho eu, mas depois tu lá não tens despesas nenhuma.

15. Consideras que o trabalho que estás a desenvolver vai ao encontro daquilo das tuas expetativas? Porquê?

Sim, às vezes até gostava de participar em mais coisas, mas não tenho tempo. Porque, por exemplo, nessa reconstrução e reabilitação de casas, eu estou lá a dedicar o meu tempo a reconstruir a casa de uma pessoa, que sei que vai estar lá e que está muito agradecida por aquilo que nós estamos a fazer e, portanto, sinto-me muito feliz em saber que estou a ajudar alguém.

16. O que é que eventualmente te desmotiva na prática de voluntariado? Porquê?

É só mesmo essa questão da antecedência, ter de dizer a minha disponibilidade muito cedo em determinados projetos, nos quais algumas das vezes eu não sei se estou disponível, para fazer esse projeto e ter de pagar os 25 euros com antecedência. Depois, lá está, mesmo que vás ou não eles nunca te devolvem o dinheiro. É só mesmo isso.

17. Como te sentes em relação a esta experiência? Justifica.

Claro que tu encontras pessoas que sabem que estás lá para ajudar, mas também encontras pessoas muito ingratas. Isso também vai de pessoa para pessoa, tens de estar ciente de que isso pode acontecer, mas isso em qualquer lugar na tua vida não é só naquele projeto em que estás envolvida.

Independentemente de tudo, em relação a esta experiência, sinto-me bem por saber que estou a ajudar os outros e tenho a oportunidade de conhecer novas pessoas, as suas histórias de vida.

18. Que benefícios te traz o voluntariado (aperfeiçoamento de competências pessoais e técnicas; realização pessoal; satisfação por contribuir para uma causa; outros benefícios)? E em termos pessoais como te sentes com a realização do voluntariado?

Sim, o aperfeiçoamento de competências técnicas e pessoais, a satisfação por estar a contribuir para uma dada causa. Também as pessoas ensinam-te coisas que já passaram, tu às vezes estás a falar com alguém e dizes *“ah olha aquela pessoa contou-me aquilo”*, são vivências que depois tu contas às pessoas. Sinto-me mais enriquecida com esta experiência, sinto-me muito mais aberta a falar com as pessoas. Além disso, esta experiência contribui para que eu melhorasse a minha capacidade de lidar com diferentes pessoas.

A nível ambiental, quando estava na Associação Académica de Coimbra, fiz a recolha de lixo entre outras coisas desse género. Hoje em dia, vejo um papel no chão apanho-o e penso que aquela pessoa podia ter deitado o papel no lixo. Ganhei uma maior consciência ambiental.

Atualmente, nas entrevistas de emprego a prática de voluntariado está no meu currículo, então, perguntam-me muitas coisas sobre o voluntariado, o que é que eu fiz e essas coisas assim. Eu sinto que a prática de voluntariado beneficiou o meu currículo, acrescentou-lhe valor.

Em termos pessoais, é como te disse eu sinto-me bem e feliz, por saber que estou a ajudar alguém e que estou a contribuir para uma boa causa.

19. Com este projeto passaste a interessar-te mais pelos problemas sociais que afetam o mundo? Em que aspeto?

Sim, é uma questão de agora parar para pensar, olhar à tua volta, ver tudo o que te rodeia com mais atenção, de uma forma mais consciente e mais atenta. Quando passo por sem abrigos, agora no Porto vejo muito mais sem abrigos, estou mais sensível para as questões que me rodeiam, não vais passar e ignorar. Passo, reparo e fico mais sensibilizada.

20. Pretendes continuar a fazer voluntariado? Porquê?

Claro que sim, agora com esta questão de eu arranjar estágio, para o próximo ano letivo, já vai ser mais complicado, porque a maior parte dos trabalhos voluntários são durante a semana, durante o dia, mas de certeza que vai haver alguma associação que seja mais compatível com o meu horário de trabalho.

Eu acho que há pessoas que não vão fazer voluntariado, por não conhecerem lá ninguém ou por não terem amigos que vão com eles. Eu vou mais sozinha, gosto mais de ir sozinha e conhecer novas pessoas. Eu tenho mais iniciativa de ir sozinha para as coisas, até porque até hoje nada me correu mal, nenhum projeto me correu mal e vou continuar a inscrever-me, a minha mãe não gosta muito, mas eu vou na mesma.